

Abril a Junho de 1907

BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Parecer da Secção de Archeologia, com respeito á conservação e fórma por que devem assignalar-se as casas memoráveis.

Apresentado e approved em sessão de assembléa geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, de 20 de março de 1907.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Tendo reunido em 15 do corrente esta secção de Archeologia a fim de, em obediencia ao officio recebido da mesa da assembléa geral, elaborar o seu parecer com respeito á honrosa consulta que o Conselho Superior dos Monumentos se dignou dirigir-nos em officio de 16 de fevereiro ultimo, vimos apresentar a V. Ex.^a o resultado dos nossos trabalhos.

Espinhosa é a missão requerida, não pela indicação de casas notáveis assignaladas por qualquer acto da vida de uma personalidade illustre nas artes, nas letras, na sciencia, na politica ou nas armas, mas pelo criterio a que convirá subordinar a apreciação historica de taes individualidades. Esse criterio, por maior que seja o desejo de estricta imparcialidade, ha de subordinar-se sempre ao imperio inevitavel do subjectivismo.

Depois de debatido o assumpto, que á primeira vista se afigura simples e correntio, esta secção entendeu, ouvidos alguns dos seus mais prestigiosos e eminentes consocios, que tambem fazem parte do Conselho, dever indicar, para ser presente na oportunidade da classificação definitiva dos monumentos nacionaes, e organização da sua lista, uma nota de casas, que por varios titulos considera memoraveis e dignas de qualquer consagração dos posteros. Esta lista feita rapidamente, não póde ter outra significação mais do que a de uma simples lembrança ou apontamento das que occorreram á memoria dos nossos consocios. Indicar todas as casas dignas de reparo, existentes pelo paiz, seria trabalho longo, e nunca se tornaria licito julgal-o completo.

Esta secção permite-se observar que a lista que remette não significa nem póde significar o desejo ou proposta para que todas as casas nella indicadas sejam incluídas na relação dos monumentos nacionaes. Nesta serie, que formulámos, vão incluídos tres grupos que convem discriminar. No primeiro ha as casas assignaladas por lapides commemorativas, cuja historia se prende com a vida das grandes e mais incontestaveis glorias da nação portugueza, glorias consagradas pela Historia e incondicionalmente accitees como taes pelo unanime consenso. Dessas, umas já fôram em anteriores classificações consideradas monumentos nacionaes; outras devem indiscutivelmente ser incluídas agora na lista definitiva. Escusado será insistir em que neste grupo collocámos as casas de Camões, do Infante D. Henrique no Porto e em Sagres, a casa dos bicos é o palacio dos Condes de Almada, as de Garrett, em Lisboa e Porto, as de Castilho, as de Herculano, as do Marquez de Pombal, no Pombal e Lisboa (Rua Formosa), as de Bocage em Lisboa e Setubal, a de Gomes Freire de Andrade, ao Salitre, a de Manuel Fernandes Thomaz, na Figueira, a de Garcia de Rezende, em Evora, e as de Camillo Castello Branco, em Lisboa e S. Miguel de Seide.

No segundo grupo indicamos muitas casas: umas por terem já lapides memorativas, outras que merecem ser assim assignaladas por se referirem a vultos importantes, embora a sua estatura seja geralmente considerada abaixo daquellas primaciaes figuras da nossa historia social. Indical-as á àpreciação do Conselho representa apenas uma lembrança que poderá, caso aquella douta corporação assim o entenda, ser coroada por uma classificação, em qualquer das classes de monumentos nacionaes, daquellas mansões tornadas illustres pelo reflexo dos nomes dos homens notaveis que as habitaram.

No terceiro grupo, finalmente, vai um grande numero de casas onde viveram personagens historicos, que honraram o paiz como artistas:—musicos, pintores, architectos e esculptores, como poetas, historiadores, romancistas e litteratos, como estadistas, patriotas, benemeritos humanitarios, militares insignes, etc. Esta série é por certo a mais incompleta de todas. Por toda a nossa extensa capital, pelas capitães do norte e do centro do paiz, pelas cidades, villas e logares, quantas casas merecerão incluir-se alli! Mas esse trabalho não poderá fazer-se assim de um jacto; só se conseguirá a sua elaboração pelas informações locais de todos os correspondentes do Conselho nas principaes terras do paiz, e pelas indicações e reclamações dos municipios, das familias, dos amigos, dos admiradores dos extinctos.

Esta nossa terceira lista o que representa?

Quanto a nós, segundo o criterio que nol-a dictou, significa uma lembrança pela qual esta Real Associação recommenda ao Conselho, que no uso de uma das suas attribuições, faça assignalar por qualquer fórma aquelles edificios, recommendando-os por todas as maneiras á consideração, estima e solícito apreço com que devem mantel-os, sempre que a isso se não opponham circumstancias ponderosas, as corporações municipaes e parochiaes e o proprio povo portuguez. Assignalal-as com lapides será missão que o Conselho deixará á iniciativa particular ou local. Deste modo cumprirá a missão, que é tambem a nossa, da propaganda insistente pelo culto do passado; consiste ella em ensinar as populações a estimar os seus monumentos, como reliquias, pela conservação das quaes não só se promove um fim civilizador e patriótico, como até intuitos lucrativos de mediato interesse local. E' obvio, que as curiosidades artisticas e historicas se tornam attractivos imperiosos aos viajantes cultos, chamando a concorrência de forasteiros, e provocando o desenvolvimento material das povoações.

Foi debaixo deste ponto de vista que esta Real Associação approvou e remetteu ao Conselho a proposta inicial de que se originou esta honrosa consulta, testemunho de amavel consideração e deferencia, daquella graduada corporação official, a quem nos cumpre confessar por este motivo, o nosso reconhecimento. E' ainda por este mesmo criterio da cruzada pela educação dos sentimentos patrióticos e civilizadores do povo portuguez, pela conservação e culto das tradições do passado, e das reliquias dos nossos homens eminentes, que se orientou este modestissimo parecer, e as listas que o acompanham.

Ousamos esperar que o alevantado intuito que sempre tem movido esta Real Associação e as provas constantes que se esforça de dar, pelo conseguimento destes ideaes civilizadores, base principal do seu estatuto, serão sufficiente desculpa para a imperfeição desta resposta ao quesito que se dignaram dirigir-nos.

Esta Real Associação collaborava já, antes da amavel sollicitação do Conselho, no mesmo empenho de definir e averiguar por todo o paiz da existencia de monumentos de toda a ordem dignos de estudo e apreço. Já em 1867 o erudito Vilhena Barbosa, mestre sempre chorado, elaborou e apresentou nesta Real Associação (em cujo Boletim foi publicada), uma tentativa de classificação geral dos monumentos nacionaes, para cujo estudo e minuciosa descripção elle tanto concorrêra nas innumeradas publicações, de todos conhecidas.

Recentemente porém, a instancias de consocios dedicados, especialmente por propostas dos srs. Rozendo Carvalheira e Silva Leal, esta Real Associação provocou curiosos inqueritos, enviando circulares a todas as municipalidades, e publicando no seu Boletim, desde o n.º 9 do tomo x, as respostas e informações por estas ministradas ao questionario. Era a base principal de um desses inqueritos a elaboração duma lista dos *pelourinhos*, esse tão caracteristico vestigio, em que se reu-nem as mais das vezes predicados artisticos, historicos e tradicionaes da vida municipal portugueza.

Ao Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes tem esta Real Associação feito subir todos esses documentos, fornecendo assim ao estudo, consideração e elevado criterio dos seus membros, fartos elementos para o bom desempenho da elevada missão de que se acha investido.

Simultaneamente o douto investigador, gloria daquelle Conselho e desta Associação,—que o contam no numero dos seus mais illustres membros—o sr. dr. Sousa Viterbo, encetou a publicação no mesmo Boletim, de uma relação noticiosa dos Cruzeiros mais notaveis esparsos pelo paiz, aconselhando a conservação daquelles monumentos singelos da piedade de nossos avós, monumentos aos quaes pelas inscripções que os acompanham, pelo seu facies artistico ou significação intima, tanta vez se prendem e interessam os estudos historicos e ethnographicos do povo portuguez. Esta Real Associação deve, segundo nos parece, incidentemente chamar a attenção do Conselho para estes preciosos e abalisados elementos com que por si e pelo concurso de

seus prestimosos consocios, tem procurado contribuir para a elaboração do inventario geral das nossas riquezas archeologicas, artisticas e historicas.

Posto este preambulo, para explicar o nosso proposito, esta Secção passa a apresentar a lista formulada, numa rapida apreciação, esperando que o Conselho submeterá essas listas á sua superior censura e ás condições especiaes do seu plano de organização da lista definitiva, e determinará qual a fórma de fixar para cada uma das casas indicadas, e de muitas outras de que venha a ter conhecimento, o culto e genero de consagração epigraphica, ou ainda de conservação material effectiva, que melhor lhes pareça merecerem, attendendo á qualificação especial de seu antigo habitador ou á valia historica dos factos nella occorridos. Eis as listas:

1.ª LISTA

Casas memoraveis, já assignaladas ou não por lapides, e que merecem pela grandeza das entidades a cuja memoria se prendem ser consideradas como monumentos nacionaes.

Albuquerque—Casa dos bicos—pertencente ao filho de Aff. de Albuquerque e exemplar notavel de archit. do sec. XVI.

Já incluída nas listas publicadas dos monumentos nacionaes de 5.ª cl.

Condes de Almada—(Palacio dos). Hoje Quartel general.

Não tem lapide.

Já incluído nas listas anteriores de monumentos nacionaes de 5.ª cl.

Almeida Garrett—Casa onde nasceu, no Porto.

Já tem lapide.

Casa onde falleceu, em Lisboa. Rua de Saraiva de Carvalho, antiga Rua de Santa Isabel.

Já tem lapide desde 1865.

Já incluída nas anteriores listas de monumentos nacionaes de 5.ª cl.

- Bocage (M.^{el} M.^a Barbosa du)**—Casa onde nasceu, Setubal.
 Tem lapide desde 1864.
 Casa onde falleceu, em Lisboa, Trav. André Valente, 23 e 25.
 Lapide posta em 1905, por occasião do Centenario do Poeta.
- Castilho (Antonio F.)**—Casa onde nasceu, Lisboa.
 Rua S. Pedro de Alcantara n.^o
 Lapide desde 1900 por occasião do Centenario do Poeta.
 Casa onde falleceu, na Rua do Sol ao Rato n.^o 124.
 Tem lapide.
- Colombo (Christovão)**—Casa onde residiu na Cidade do Funchal.
- Camillo Castello Branco**—Casa onde nasceu, L. do Carmo n.^o 16—Lisboa.
 Não tem lapide.
 Casa onde morreu em S. Miguel de Seide.
- Fernandes Thomaz (M.^{el})**—Casa onde nasceu, na Figueira da Foz.
 Casa onde falleceu, em Lisboa, na Rua do Caldeira.
 Não tem lapide.
- Garcia de Rezende**—Casa que lhe pertenceu no Paço de Selborosos, á
 Porta da Moura, Evora.
- Gomes Freire de Andrade**—Casa onde viveu e foi aprisionado o grande
 Patriota.
 Lisboa R. Salitre n.^{os} actuaes 316—318.
 Não tem lapide.
- Herculano (Alexandre)**—Casa onde nasceu, Lisboa, Pateo do Gil.
 Casa onde morreu na Azoia, Val de Lobos.
 Casa do Largo da Ajuda (hoje transformada) onde viveu e tra-
 balhou Herculano.
- Infante D. Henrique**—Casas do Infante e capella onde em 1839 colloca-
 ram a lapide de marmore, com as armas do Infante e uma ins-
 crição laudatoria em latim e portuguez.
 As casas veem representadas em desenho no *Seculo n.^o 4349 de*

março de 1894, e a lapide no n.º especial do *Diario de Noticias* commemorativo do Centenario do Infante, da mesma data.

Casa onde se diz ter nascido no Porto. Rua Nova de S. Nicolau, hoje Rua dos Inglezes—edificio da *Alfandega Velha*.

A casa primitiva foi demolida ha 300 annos. Em seu logar existe um edificio velhissimo e ennegrecido, de dois andares, cada um delles com quatro janellas baixas e estreitas.

A rua é curta, diz uma noticia que temos presente, e dum lado tem só tres casas, dois predios grandes nas extremidades, um fazendo esquina para a rua dos Inglezes e outro para cima de Muro. No meio delles é que está a casa onde se collocou a lapide commemorativa, e que faz parte do grupo que constituiu a antiga alfandega.

A lapide, collocada em 1894, é um lindissimo portico manuelino, trabalhado em marmore branco.

No centro do portico está a inscripção. A lapide foi posta no primeiro andar por cima da porta de arco que o predio tem e que foi em outro tempo a porta da sahida das mercadorias despachadas.

Luiz de Camões—Casa onde se crê ter morrido; predio n.º 139 a 141 da C. Sant'Anna, com entrada pelo beco de S. Luiz, n.º 1.

Lapide mandada pôr em 1867 pelo proprietario Manuel José Corrêa.

Já incluída em listas anteriores de monumentos nacionaes de 5.ª cl.

Marquez de Pombal—Modesta casa onde morreu na Villa de Pombal em 8 de maio de 1782.

Não tem lapide.

Palacio, onde nasceu, na Rua Formosa, Lisboa.

Não tem lapide.

2.ª LISTA

Casas já assignaladas por lapides, e outras que porventura poderão ser incluídas numa lista de monumentos de mais secundaria categoria.

Alfageme—Ruinas da casa do Alfageme, em Santarem.

Barroso da Silva (Almirante Francisco Manuel)—Casa onde nasceu este illustre brasileiro, em 1804, no Chiado n.º 17-1.º

Tem lapide, collocada pela colonia brasileira em 1904.

Caetano Brandão (D. Fr.)—Casa onde nasceu, no logar da Igreja, freguezia do Loureiro, conc.º de Oliveira de Azemeis.

Conjurados de 1640—Casa onde se reuniam os conjurados de 1640, na rua do Raymundo, em Evora.

Corrêa da Serra (Abb. José)—Casas onde habitou sendo secretario da Academia Real das Sciencias, e onde em 1791 estava alojada a *Academia* (Lisboa antiga 1.ª parte, 2.ª ed. vol. 3.º pag. 88).

Na mesma casa habitou o poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Palacete ao fundo do Beco do Carrasco, ao Poço dos Negros.

Diogo Cão—Casa que se diz ser de Diogo Cão em Villa Real, numa ruella, proximo aos Paços do Concelho.

Eça de Queiroz—Casa onde nasceu na Povoa de Varzim.

Tem lapide.

Innocencio F. da Silva—Casa onde falleceu em Lisboa, R. de S. Filippe Nery.

Tem lapide.

João de Deus—Casa onde nasceu em S. Bartholomeu de Messines.

Tem lapide.

Casa onde falleceu, na rua João de Deus á Estrella.

Tem lapide.

Julio Diniz—Casa em Ovar, onde residiu o romancista, no Largo dos Campos.

Casa onde morreu, no Porto, Rua de Costa Cabral.

Luz Soriano—Casa onde habitou, na Rua do Prior, Lumiar n.º 12

Tem lapide desde 1889.

Macedo (P.^o José Agostinho)—Casa onde nasceu, em Beja, transformada em predio assinalado por uma lapide.

Casa onde falleceu em Pedrouços.

Machado (Julio Cesar)—Casa onde morreu, travessa do Moreira, esquina do Salitre, hoje modificada.

Tem lapide?

Martins de Carvalho (Joaq.^m)—Casa onde falleceu, em Coimbra.

Tem lapide.

Martins Sarmiento—Casas de Martins Sarmiento em Guimarães—onde nasceu e onde falleceu.

Assignaladas por lapides.

Neuparth (Augusto)—Casa onde falleceu, em 1887, este musico distincto.

Rua das Salgadeiras n.^o 36.

Tem lapide.

Patrão Joaquim Lopes—Paço de Arcos—Casa onde falleceu.

Tem lapide.

Prior Coutinho—Casa onde falleceu, na Rua do Prior Coutinho.

Tem lapide.

Pusich (D. Ant.^a Gertrudes)—Casa onde falleceu, na Rua de S. Bento.

Tem lapide.

Santa Isabel—Castello de Extremoz, onde residiu e falleceu a Rainha Santa, hoje exposto ao mais vandalico abandono e desrespeito.

Sousa Martins (Dr.)—Casa onde morreu, na Alhandra.

Tem lapide posta em 1898.

3.ª LISTA

Casas a cuja historia anda vinculada a memoria de algum portuguez illustre, e que bem merecem ser apontadas e recommendadas á consideração e estima da nação portugueza.

Alão de Moraes (Christovão)—Casa onde morou o celebre genealogista; casa gothica de notavel valor artistico, atraz da Sé, Porto.

Antonio da Costa (D.)—Casa onde falleceu na Rua da Cruz de Pau, n.º 57.

Bomtempo—Casa onde falleceu o celebre musico port. na Rua de S. Bento n.º 148.

Convenção de Evora Monte—Casa de J. A. Dias Saramago, em Evora Monte, onde foi assignada em 26 de maio de 1834 a Convenção.

Deu-la-deu Martins—Casa de em Monsão.

João Velho—Casa do famoso navegador, em Vianna do Castello.

Josefa d'Obidos—Casa onde falleceu na Quinta da Capelleira—Obidos.

Luciano Cordeiro—Casa onde falleceu o fundador da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Ludovice—Casa onde residiu, edificada por este notavel Archit., no sitio de Alfarrobeira, Estrada de Bemfica.

Malhão (P.º Silveira)—Casa onde falleceu em Obidos.

Manuel Constancio—Restaurador dos estudos anatomicos em Portugal. Casa onde nasceu e morreu na sua quinta das Sentieiras, junto ao Sardoal.

Marqueza de Alorna—Casa onde falleceu, Palacio do Marquez das Minas.

Nicolau Tolentino d'Almeida—Casa onde falleceu, hoje transformada no predio de Eduardo Coelho, na Rua dos Cardeas de Jesus.

Casa onde nasceu na Calçada de Santo André, n.ºs 26 a 30.

Pedro Alexandrino—Casa onde morou, na Calçada de Sant'Anna.

Pereira Botto (Monsenhor)—Casa onde falleceu este illustre archeologo, Rua de S. Mamede, n.º 15.

Possidonio da Silva—Casa onde falleceu o dedicado fundador da Associação dos Architectos e Archeologos; Casal do Brito, Campolide de baixo.

Saldanha (Marechal) Casa onde nasceu, Palacio dos Condes de Rio Maior, a Santo Antão.

Stampaio (Ant.º Rodrigues)—Casa onde nasceu, em S. Bartholomeu do Mar.

Casa onde falleceu, em Lisboa, na Rua de S. Bento, á esquina da Travessa de Santo Amaro.

Teixeira de Aragão (Dr.)—Casa onde falleceu, Calçada do Salitre.

Thomaz de Carvalho (Dr.)—Casa onde morreu, Rua de Roque, 17.—1.º Direito.

Thomaz Ribeiro—Casa onde nasceu, em Parada de Gonta.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Sala das Sessões no Edificio Historico do Carmo, Lisboa, 15 de março de 1907.

O PRESIDENTE DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA,

Monsenhor Elviro dos Santos

O VICE-SECRETARIO, RELATOR,

Victor Ribeiro

Pelourinhos, cruzeiros e outros monumentos

Extracto dos officios das Camaras Municipaes

(Continuado do n.º 12, t. x)

Resposta recebida em Abril de 1907:

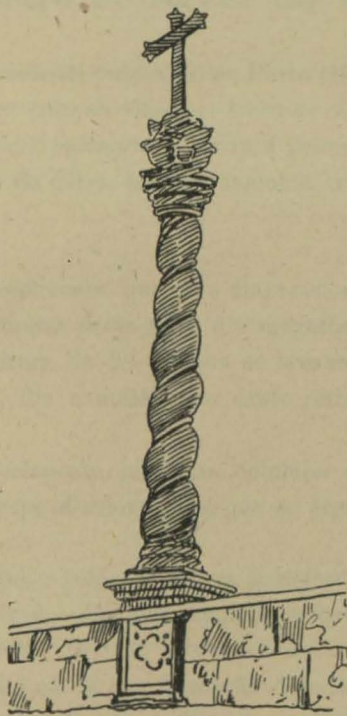
Goes, 10 de abril. — «Quanto a *cruzeiros* não existe algum no concelho, nem a tradição refere que algum tenha havido.

Pelourinhos, houve dois; um, na villa d'Alvares, séde do extincto concelho desse nome, que ainda existe, incompleto já; outro em Goes, na praça publica, de que não ha o menor vestigio, nem pessoa alguma sabe referir o destino que levaram as pedras que o formaram. Parece porém que foi situado a meio da praça, elevando-se uma columna de cantaria de 2 ¹/₂ a 3 metros d'altura, cylindrica e canelada, de sobre um pequeno estrado a que davam accesso tres degraus em toda a roda; terminava ella em simples ponta, sem mais ornatos que os descriptos. Não é facil precisar qual a cantaria de que era construido, se d'Alveite, se d'Ançã, porque uma e outra se encontram e encontravam nas edificações coevas. Deve ter sido demolido em 1848 a 1850.

«Outros monumentos historicos não existem no concelho a não ser a ponte manuelina sobre o Rio Ceira na villa de Goes, e nella igualmente a Capella Mór da Igreja matriz, e Capellas chamadas do Castello e Martyr. A Capella Mór parece que é já ou vae ser considerada monumento nacional.

Do pelourinho de Alvares existe ainda uma pedra branca e fina (provavelmente d'Ançã) em fórma de columna, com 1^m,5 de altura, tendo no cimo um espigão de ferro. Esteve antigamente no meio da villa, junto da casa de José Barata de Mendonça, e actualmente está encostada ao muro da ponte do Souto».

(*Continúa*).



Cruzeiro de Sever do Vouga

CRUZEIROS NOTAVEIS

(Contin. do n.º anteced.)

XLVI

Cruzeiro de Sever do Vouga

Do livro recentemente publicado no Porto (1906, 8.º de 215 pag.º), sob o titulo de *Cever (sic) do Vouga—Livro de chronicas—Produções—Costumes—Lendas e paisagens*, devido á penna do sr. José Luciano de Figueiredo Lobo da Silva, transcrevemos o artigo referente ao cruzeiro:

«Um outro monumento que tem impressionado mui agradavelmente todos os visitantes desta terra é o magnifico cruzeiro, gloria de Cever, que numa altura de 28 palmos se levanta para os ceus, entre dois cyrestes, que, dia e noite, num santo retiro, lhe fazem companhia.

O cruzeiro é composto por uma columna em fórma de espiral, encimada por um grupo d'anjos, sobre que se ergue a cruz bellamente burilada.

E' uma pedra que o genio do artista transformou num monumento.

Todo elle, visto de alto a baixo, nos embebece pela belleza da execução, que é grande.

Ha quem affirme que a sua formação é de uma só peça o que, a ser verdade, o torna um dos primeiros monumentos nacionaes, de tanto valor como muitos outros que quotidianamente são encarecidos, em revistas de grande folego.

Mas infeliz do passaro que nasce em mau ninho; ainda até hoje não houve aqui quem se quizesse dar ao doce trabalho de lhe consagrar duas linhas, em qualquer periodico; foi necessario que, depois de muitos seculos, nascesse nesta terra um filho para lhe dedicar estas duas desataviadas e descoloridas phrases que para aqui deixo expostas á critica dos leitores.

Já vem tarde, bem o sei. Mas, *vale mais tarde do que nunca*, no dizer do aphorismo».

XLVII

Cruzeiros da Atalaya

Um dos santuarios mais frequentados pelos romeiros das povoações marginaes do Tejo é o de N. Senhora d'Atalaya, em Aldegallega. Do sitio e da veneranda imagem trata um opusculo, cuja inteira descripção bibliographica é como segue:

«Narrativa historica da imagem de Nossa Senhora de Atalaya, que se venera na capella sita no monte d'Atalaya, do concelho de Aldegallega do Ribatejo, coordenada por Manuel Frederico Ribeiro da Costa, capellão d'Atalaya, approvada pelo em.^{mo} sr. cardeal patriarcha e precedida de uma apresentação do ex.^{mo} sr. João de Lemos, Lisboa. Typographia de Henrique Zeferino, rua Nova de S. Mamede, 26. 1887.»

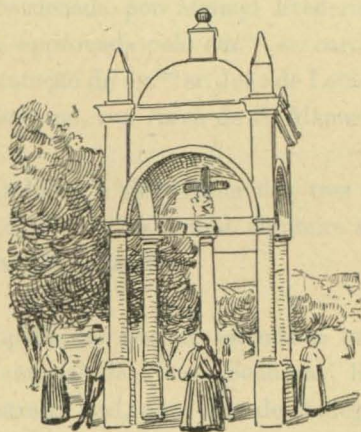
A pagina 12 e 13 acha-se a descripção dos tres cruzeiros, que delimitam e ornamentam o terreno do arraial, fronteiro á capella.

Passamos a transcrever esse trecho:

«... Fronteiro á capella, ao poente, estende-se um plano inclinado, que se denomina «arraial de Nossa Senhora», limitado por 3 cruzeiros: um, junto á estrada real, que vem de Aldegallega, para a provincia do Alemtejo do lado do poente; outro, proximo á estrada da villa d'Alcochete, da parte do norte; e o ultimo ao pé da estrada que corre para a villa de Palmella, da parte do sul. O primeiro que fica fronteiro á Capella, na distancia de 220 metros, é formado de pedra lioz, no estylo gothico byzantino, vendo-se do lado do nascente, no capitel, um baixo relevo, representando a imagem de Jesus Christo e no do poente a de Nossa Senhora da Piedade.

Sobrepoê este cruzeiro uma cupula sustida por quatro columnas ligadas com varões de ferro. Na base da cruz se lê a inscripção: «Este cruzeiro mandou fazer a confraria de Lisboa, 1551», e no pedestal da columna esquerda, do lado do poente, a seguinte: «Esta mesma obra mandou fazer a confraria de Lisboa, era 1551».

«O segundo mede 83^m até á capella, é tambem de pedra lioz encimada em dois degrãos, tem na face do norte gravado o seguinte rotulo: «Esta cruz mandou fazer Domingos Ferreira Patarata e sua mulher



Cruzeiro da Atalaya

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 2 — PAG. 86



Cruzeiro de Villa Viçosa

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 2 — PAG. 87

por sua devoção, pede um Padre Nosso e Avé Maria pelas almas; feita no anno de 1669, de Alcochete».

O terceiro é de 140^m de distancia até á capella, é de cantaria tosca e ordinaria; sotoposto a um pedestal de alvenaria com quatro faces e junto ao pé da cruz está um mialheiro de ferro para receber as esmolas dos devotos que transitam pela estrada do Alemtejo.»

Reproduzimos em gravura o principal dos cruzeiros, cujo estylo, diz o auctor do opusculo, é gothico byzantino. A não se dar o caso que o esculptor intencionalmente quizesse ser anachronico ou tomasse por modelo um exemplar antigo, semelhante modo de classificar uma obra datada de 1551, está a pedir o indispensavel coefficiente de correcção

XLVIII

Cruzeiro de Villa Viçosa

O silvo da locomotiva nem sempre consegue despertar a apathia habitual das terras, que ficaram dormindo o somno narcotico das suas recordações gloriosas.

Este phenomeno observa-se principalmente nas provincias do sul, nas vastas e monotonas planicies do Alemtejo, onde o systema orographico e o systema de cultura naturalmente predispõem para esta especie de torpôr, para este encantamento, que a varinha magica do progresso irá quebrando pouco a pouco. Outras causas, porém, de elevado alcance social e politico influiram e influem ainda para este estado de decadencia ou estacionamento. A mudança revolucionaria das instituições fundamentaes, a monarchia representativa substituindo rapidamente a monarchia absoluta, foi um dos factos que mais abalaram e transformaram o organismo popular.

Com o desaparecimento das alcaidarias, das commendas, das ordens monasticas de toda a especie, dos morgados, desapareceram tambem, como não podia deixar de ser, os principaes elementos de actividade local.

Muito tempo antes, nos fins do seculo xv, principios do seculo xvi, outro acontecimento de grande alcance, de character economic, sobretudo, viera perturbar e enfraquecer o movimento da maior parte das povoações do paiz. Os judeus e mouros, os primeiros, principalmente,

predominavam em grande numero de cidades e villas e a sua expulsão em massa devia fatalmente traduzir-se num decrescimento sensível da riqueza publica.

Emigrando tumultuariamente, tratavam de levar comsigo a maior somma de bens moveis que lhes fôsse possível, embora a vigilancia das auctoridades fiscaes lhes impedisse o transporte de objectos de vulto. Fôram numerosos os judeus que ainda se deixaram ficar, reduzidos com violencia ao christianismo, mas o vexame continuo a que os sujeitava o titulo de christãos novos não lhes permittia exercer com desafogo o seu genio cubiçoso e emprehendedor.

Outras circumstancias vieram ainda accentuar a gravidade do problema. Algumas terras eram o centro de reunião, para onde convergiam os productos agricolas da provincia, d'onde irradiavam mais tarde para diversas localidades do paiz. O novo systema de viação—as estradas de macadam e as estradas de ferro—deslocaram muitos d'esses pontos de concentração. Mais ainda. Em algumas terras havia industrias de certa importancia, que tiveram de abater bandeiras deante da invasão dos machinismos cada vez mais aperfeçoados, dos novos processos fabris, dos artefactos modernizados, em cuja composição entravam novas materias primas, tornando-os assim, senão mais perfeitos, pelo menos mais accessiveis a todas as bolsas.

Villa Viçosa atravessou estas phases e com tanto ou mais motivo do que outras terras, manifestou de ha muito a sua decadencia. Durante o seculo XVI decorreu a época do seu maior esplendor. Assim devia succeder. Era então o solar dos duques de Bragança e a côrte brigantina em nada cedia á côrte dos nossos monarchas. As visitas frequentes de reis, de principes, de embaixadores, de altas personagens, as bodas e baptisados dos duques davam ensejo a festas sumptuosas, que ficaram perpetuadas em diversas narrativas em prosa e verso. A acclamação de D. João IV, se collocou na cabeça dos duques a corôa da realza, tirou a Villa Viçosa as palmas do seu dominio triumphante. O palacio que foi testemunha de tantas scenas festivas e tragicas, ainda se ergue imponente, mas não passa de um pharol, que já não funciona, derramando como outr'ora a sua luz intensa no circuito de muitas leguas.

Além do palacio, Villa Viçosa offerece ainda alguns monumentos dignos de vêr-se, mas que talvez, em não remoto futuro, só offereçam o esqueleto das suas ruinas. Uma das coisas que mais prendem a at-

tenção do visitante, por ser a principal do paiz, excedendo a de Mafra e outras, é a soberba tapada adjunta ao palacio, a qual mereceu os encomios poeticos de Lope de Vega, que lhe celebrou as bellezas num poema publicado em Madrid em 1628, sob o titulo de «Descripcion de la Tapada insigne, Monte y Recreacion del Excellentissimo Señor Duque de Vergança».

Guiado por este famoso «cicerone» pelos trabalhos de outros auctores, já impressos, já manuscritos, deu-nos o illustre academico sr. Ramos Coelho, no seu proficiente estudo sobre a vida do infante D. Duarte, o mallogrado irmão de D. João IV, uma interessante descripção do palacio e suas dependencias. Do solar dos Braganças conhecem-se ainda outras monographias, taes como: «Noticia historica e estatistica do Palacio e Real Tapada de Villa Viçosa» por Agostinho Augusto Cabral, impressa em Evora em 1889; «Compendio de noticias de Villa Viçosa. . . .», composto pelo padre Joaquim José da Rocha Espanca, 1892, e ultimamente um longo e bem elaborado artigo do sr. conde de Arnoso na «Arte e a natureza em Portugal», de que se fez uma tiragem á parte, num opusculo in-4.º, acompanhado de 6 bellas phototypias representando: a vista geral de Villa Viçosa, a fachada principal do Paço, a sala dos Duques, a igreja dos Agostinhos, a igreja matriz e o castello.

O cruzeiro de que nos vamos occupar é uma das curiosidades de Villa Viçosa, um dos mais originaes, talvez unico no seu genero, pela sua caracteristica ornamentação esculptural. Abraçando a cruz, tem uma serpente com azas, que alguns julgaram ser o dragão alado, divisa dos Braganças, a cuja iniciativa se deveria attribuir a obra. A. C. Borges de Figueiredo vae de encontro a esta opinião, ao que suppomos criteriosamente, julgando aquelle ophidio a imagem symbolica de Christo, como se deduz de certas passagens da Biblia.

É de observar, porém, que a serpente tem duas significações oppostas no symbolismo christão. Ora representa a figura do mal, enroscando-se aos pés da Virgem, que lhe esmaga a tentadora cabeça, ora é a personificação da sabedoria divina, á semilhança do que succedia no emblema gentilico do caduceu de Mercurio.

Os reparos e considerações de Borges de Figueiredo veem num artigo seu publicado em 1889 a pag. 85 do 3.º anno da «Revista Archeologica» acompanhando uma estampa do cruzeiro, reproduzida de uma gravura do «Occidente». Deu para ella o desenho D. Luis Vermell

y Busquets, que andou jornadeando, em romaria artistica, pelo nosso paiz, conferindo-se a si proprio o titulo de «peregrino hespanhol». Este Luis Vermell, segundo nos consta, veio a fallecer pobrememente, num leito do Hospital da Misericordia do Porto. D'elle falámos num artigo sob o titulo de *Pias Baptismaes portuguezas*, publicado a pag. 315 e seguintes do 3.º anno dos *Serões*.

O dragão alado, de uma suprema elegancia, ostenta-se na base do magnifico pulpito de Santa Cruz de Coimbra. Desta obra attribuida ao cinzel de João de Ruão, publicou o mesmo Vermell um opusculo descriptivo intitulado: *O pulpito da igreja de Santa Cruz de Coimbra ou a joia artistica em pedra, mais formosa de Portugal*. . . . Sahiu em Coimbra na Imprensa Litteraria, em 1880, acompanhado de uma estampa lithographica de Ribeiro, em que se reproduz o dragão.

O sr. Nicolau Bigaglia, distincto architecto, occupou-se tambem deste assumpto, fazendo publicar em Veneza em 1893 um opusculo in-folio acompanhado de um bello desenho de todo o pulpito. Escripção em italiano, o dedicou o seu auctor, como presente de nupcias, a seu irmão.

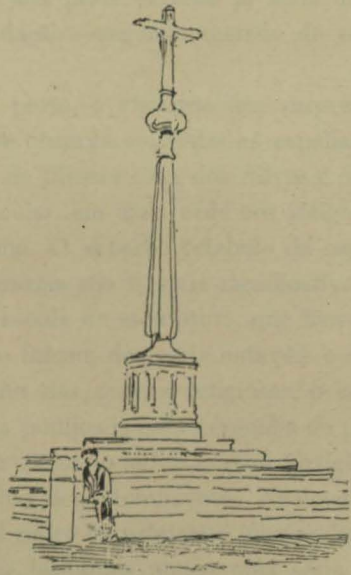
A gravura, que serve a illustrar a nossa descripção, completando-a, é executada em presença da photographia que devemos á boa diligencia e amabilidade do sr. Joaquim José Amaro, a quem nos confessamos summamente reconhecido. A este cavalheiro pedimos venia para transcrever uns trechos da carta, em que se inclue a remessa photographica:

«O cruzeiro não tem data ou inscripção, e apenas, além da serpente, os signaes das chagas.

Primitivamente estava na cêrca do convento de Santo Agostinho, onde servia de cascata, saindo a agua pelas ventas da serpente. Em 1850, por influencia do coronel José Julio do Amaral, commandante de cavallaria 3, foi então mudado para defronte da igreja de Nossa Senhora da Lapa (Noticias de Villa Viçosa pelo padre Joaquim Espanca).

Em virtude da ampliação do jardim da dita igreja, cujos trabalhos começaram em 1883, foi o referido cruzeiro neste anno collocado uns metros mais á frente da igreja».

O cruzeiro de Villa Viçosa anda já reproduzido em bilhetes postaes.



Cruzeiro de S. Marcos

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 2—PAG. 91

XLIX

Cruzeiro de S. Marcos

Cêrca de duas leguas de Coimbra, na margem esquerda do Mondego, na freguezia de S. Silvestre, erguia-se outr'ora o convento de S. Marcos da Ordem de S. Jeronymo, do qual só existe apenas, a par de um montão de ruinas, a sua notabilissima egreja. Notavel no interior, porquanto a sua parte externa já nada ou quasi nada conserva da primitiva fundação—segunda metade do seculo xv, principio do seculo xvi.

Ao entrar a porta, o visitante fica surprehendido com a riqueza ornamental, que se observa em todas as capellas. A egreja de S. Marcos é o pantheon da illustre casa dos Silvas e este jazigo, ainda que de uma familia particular, em nada cede aos jazigos reaes de Santa Cruz, Alcobaga e Batalha. O soberbo retabulo da capella-mór e os tumulos das capellas funerarias são o mais significativo testemunho de vitalidade da gloriosa escola de esculptura, que floresceu em Coimbra e de que João de Ruão foi um dos mais notaveis e conhecidos mestres.

Pela extincção das ordens religiosas, o convento de S. Marcos foi posto em hasta publica e, para vergonha do paiz, é uma propriedade particular. Apesar disso, o sr. Ramalho Ortigão propoz com toda a justiça, no Conselho dos Monumentos Nacionaes, que elle fôsse considerado como tal entre os primeiros. Carlos Relvas, o eminente photographo, tirou ha bastantes annos uma série de vistas, que podem constituir um esplendido album artistico. Dellas, sete, acham-se reproduzidas no 2.º volume do «Branco e Negro», revista lisbonense, publicada de 1896 a 98.

Defronte da egreja estende-se um longo e espaçoso terreiro, no principio do qual, entre copado arvoredado, se levanta uma singela mas elegante cruz, que é para assim dizer o indicador do caminho que devemos seguir.

E' de construcção moderna e nenhum lettreiro nos declara o motivo por que foi erigida. No seu pedestal, em cada uma das quatro faces, se lê o algarismo componente da data—1783.

O cruzeiro de S. Marcos anda reproduzido em bilhetes postaes.

O sr. dr. Antonio Mesquita de Figueiredo espontaneamente nos brindou com uma prova de uma bella photographia por elle tirada, e

da qual não nos aproveitamos para a nossa gravura, de que pedimos desculpa, pela circumstancia do sr. general Adolpho Loureiro nos ter oferecido anteriormente outra, que mais se prestava ao nosso fim, por ser de maiores dimensões.

(Continúa)

SOUSA VITERBO.

Portaria relativa á primeira Commissão dos Monumentos Nacionaes (1)

«Tendo sido, pela portaria de 29 de dezembro ultimo, encarregado o architecto civil, Joaquim Possidonio Narciso da Silva, de levantar as plantas e alçados dos edificios monumentaes com os córtes indispensaveis para se conhecer o systema de construcção e a divisão interna, e bem assim de redigir as competentes memorias descriptivas dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes, a que se refere o relatorio publicado no *Diario do Governo* n.º 62 de 19 de março de 1881, elaborado pela *Real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*; e tendo, por despacho de 13 do corrente mez, sido auctorizada a proposta feita pelo mencionado architecto, em 4 do mesmo mez, para ser empregado ás suas ordens a fim de o coadjuvar naquelle serviço, na qualidade de secretario, Julio Carlos Mardel de Arriaga; e sendo indispensavel fixar o abono que pelo serviço que vão prestar se deva fazer aos indicados architecto e secretario, e adoptar as providencias precisas para o regular funcionamento deste serviço, determino:

(1) (Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria—*Legislação e disposições regulamentares applicaveis ao serviço da repartição de Contabilidade* coordenada pelo 1.º Official chefe de secção Antonio Maria Freire Pimentel Brandão, 2.ª parte; Lisboa, Imp. Nac., 1886, pag. 582, 583.)

1.º Que ao architecto civil Joaquim Possidonio Narciso da Silva se abone mensalmente a quantia de 72\$000 réis;

2.º Que ao secretario Julio Carlos Mardel de Arriaga se abone tambem mensalmente a quantia de 36\$000 réis;

3.º Que ao architecto civil Joaquim Possidonio Narciso da Silva se satisfaca a quantia de 4\$500 réis de ajuda de custo por cada dia em que, por motivo do desempenho da commissão, que lhe foi dada, tenha de sair fóra da sua residencia official de Lisboa a mais de 10 kilometros de distancia;

4.º Que o mesmo architecto civil proponha, todas as vezes que o secretario Mardel Arriaga tenha de sair de Lisboa nas mesmas circumstancias, a ajuda de custo que julgar conveniente e equitativa;

5.º Que o mesmo architecto civil fixe a séde dos seus trabalhos em uma das capellas do edificio da igreja arruinada do Carmo de Lisboa, mediante as indispensaveis reparações;

6.º Que ao mencionado architecto sejam fornecidos os objectos de mobilia e de expediente que necessarios forem para o exercicio da commissão de que foi incumbido;

7.º Que sejam postos á disposiçãõ do referido architecto para o auxiliar nos trabalhos de medição das obras e de desenho, o conductor de 2.ª classe, Francisco Maria Pereira Heitor de Macedo, e o auxiliar João Lino de Carvalho, abonando-se-lhes, alem do vencimento das suas categorias, a gratificaçãõ de chefe de secção ao primeiro e a de chefe de trabalhos ao segundo, sem prejuizo das respectivas ajudas de custo que vencerem, nos termos dos regulamentos em vigor;

8.º Que com relação ao servente, auctorisado pelo despacho de 13 do corrente, proporá o mesmo architecto civil o individuo que deverá preencher este lugar e o salario que entenda dever ser-lhe abonado.

Paço, em 21 de Janeiro de 1882.—*Hintze Ribeiro.*



RELATORIO DA GERENCIA DO CONSELHO FACULTATIVO EM 1906

Senhores:

Cumprindo o que determina o estatuto que nos rege, vem o Conselho Facultativo submeter ao exame esclarecido e imparcial apreciação da Assembléa os actos da sua gerencia durante o corrente anno; actos que passa a expôr leal, concisa e despretenciosamente em singelo e modesto relatorio.

Mereceu ao Conselho especial consideração e perseverante cuidado cumprir a sua missão com o zelo e lisura que lhe impõem a confiança que nelle depositou esta illustrada Corporação.

Consciente de ter cumprido, quanto o permite a esphera das suas forças, os deveres do cargo que lhe foi commettido, confia terá a honra de lhe serem approvados os actos da sua gerencia.

A assemblea geral consultou o Conselho sobre a proposta do sr. Rodrigues Fernandes para se pedir ao Governo que fosse considerado o Presidente desta Associação vogal nato do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes.

Sendo o parecer do Conselho concorde com a proposta do nosso consocio, foi esta approvada pela Assembléa. Em virtude dessa approvação officiou em 13 de Março preterito o Vice-Presidente, o sr. Rosendo Carvalheira, ao Ministerio das Obras Publicas no sentido da indicação do sr. Rodrigues Fernandes.

Tendo apresentado o nosso consocio o sr. Julio Augusto Ferreira uma proposta para que esta Associação tenha uma bandeira com distinctivo proprio, foi nomeada uma commissão, para dar o seu parecer sobre este assumpto e ser submettido á apreciação da Assembléa.

Não tendo apparecido o documento de recepção do brazão da fa-

milia Pimentel Maldonado, depositado no museu desta Associação pela ex.^{ma} sr.^a D. Elisa Pimentel Maldonado, foi, a pedido desta senhora, resolvido que para todos os effeitos fosse considerado depositado por s. ex.^a, a quem se officiou dando conhecimento dessa resolução.

Em sessão de 12 de Maio do corrente anno, propoz o nosso socio o sr. Mena Junior que se adquirisse o manuscrito inedito «Memorias de Carnide» de que é auctor o prior que foi daquelle freguezia o padre José Baptista Pereira, já fallecido.

Nomeou a Assembleia uma Commissão para examinar aquelle manuscrito e sobre elle dar a sua opinião ao Conselho Facultativo, o que effectuou a 18 de Novembro ultimo, apresentando o seu relatorio favoravel á aquisição do referido manuscrito; resolvendo por isso o Conselho encarregar o sr. Mena Junior de comunicar ao sr. Visconde de Castilho, por intervenção de quem fôra indicada aquella obra, promtificando-se a córrigil-a e amplial-a, que a Associação poderia adquirir-a por sessenta mil réis em prestações pagas á sua proprietaria, Irmã do auctor.

Resolveu-se officiar ao socio mais antigo residente em Braga, o rev. Padre Manoel José Martins Capella, a fim de convocar os socios residentes naquella cidade para estabelecer alli uma delegação, conforme determinam os artigos 32 a 41 do regulamento em vigor.

Respondeu aquelle nosso consocio accusando a recepção do officio e enviando a copia da acta de installação da delegação em 24 de Março ultimo; acta que se acha publicada no Boletim n.º 10.

Muito esperamos dos serviços desta delegação, pela illustração dos seus membros, e pelo que offerece aos estudos da architectura e da archeologia o districto de Braga.

Antes de se officiar ao sr. Martins Capella no sentido exposto, foi necessario proceder a indagações previas que promptamente foram obtidas por intervenção de Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, que obsequiosamente se encarregou de as obter dum seu amigo residente em Braga.

O Conselho ratifica ao nosso digno consocio os seus agradecimentos por mais este serviço prestado á nossa Associação.

Propoz o secretario, o sr. Rocha Dias, e a Assembléa approvou, que o nosso illustrado consocio e distincto numismata o sr. Dr. Arthur Lamas fosse encarregado de colleccionar e catalogar as moedas e medalhas existentes no nosso museu.

Aceitou o sr. Dr. Lamas esse encargo, e não só se dedicou a esse improbo trabalho com singular assiduidade e desvelo, como teve a gentileza de mandar, á sua custa, forrar de veludo a vitrine em que se acha exposta essa collecção, o que lhe dá realce que attrahe a attenção do visitante.

A Associação já manifestou ao nosso presado consocio o seu reconhecimento por estes bons serviços, e o Conselho renova-lhe com prazer os devidos louvores á sua dedicação e efficacia; louvores que S. Ex.^a é tão cioso de merecer como despreoccupado em obter; prova do seu merito, da sua modestia, do seu bom senso!

Tambem por indicação do sr. Rocha Dias, igualmente approvada pela Assembléa, foi nomeado o socio o sr. José Queiroz para classificar e catalogar as faianças existentes no museu da Associação, e o sr. Commendador Guilherme João Carlos Henriques encarregado de elaborar uma memoria descriptiva dos brazões, sarcophagos e campas que temos em exposição; e a secção de architectura incumbida de eleger um, ou mais dos seus membros, para classificar e descrever columnas, capiteis e outras peças architectonicas.

Estas classificações são de incontestavel interesse para a apreciação do desenvolvimento da civilisação, escripta praticamente nos monumentos do progresso material.

O socio correspondente, o sr. José Pinto da Silva Ventura, informou que o sr. Visconde da S. João da Pesqueira tratou já da conservação da campa da sepultura do terceiro avô do Marquez de Pombal, fallando ao Presidente da Camara do Concelho para a ceder, a pedido do sr. Rocha Peixoto, para o museu do Porto; respondendo-lhe o Presidente que a campa ficaria na Pesqueira, não tendo antes accedido á solicitação que lhe fizeram de a deixar ir para o museu de Guimarães.

Continua com regularidade a ser publicado o nosso Boletim sob a direcção da illustrada Commissão que o tem dirigido nos annos anteriores.

Desde o numero VII do tomo X da quarta série que principiou o Boletim a ser impresso numa typographia do Estado com notavel melhoramento de typo, augmento de vinte e quatro paginas em cada numero e algumas illustrações, sendo apenas uma parte das despesas por conta da Associação.

Estes melhoramentos e a importante economia que resulta para a Sociedade, devem-se, como é sabido, á solicitude e bons officios do nosso digno Presidente, sempre activo e incansavel em promover os interesses desta Collectividade, pelo que bem merece todo o nosso reconhecimento e consideração.

Pelo interesse que tem demonstrado pela nossa Sociedade e continuação da impressão do Boletim naquella typographia do Estado é digno de especial louvor o sr. Conselheiro Casimiro José de Lima, a quem consignamos aqui os nossos sinceros agradecimentos.

Ao sr. Fernando Schiappa d'Azevedo tambem agradecemos o zelo que sempre manifestou, em quanto foi director daquella typographia, para que esta Associação fosse bem servida e com a pontualidade possivel.

Tambem temos a satisfação de exprimir o nosso reconhecimento ao sr. Antunes Pinto pela sua dedicação e bons serviços.

Em 14 de Novembro passado officiou o Presidente da nossa Delegação em Braga, o Rev. Padre Martins Capella representando ao Conselho quanto importaria aos interesses da Real Associação adquirir do Governo de Sua Magestade a concessão do usufructo da torre de menagem do castello de Braga com alguns outros quadrados do eirado ou terreiro adjacente, a fim de ali se installar um museu archeologico, para o qual a Delegação já dispõe de elementos importantes e espera adquirir mais.

Resolveu o Conselho informar-se primeiro dos meios de que a Delegação pode dispôr para a installação e conservação do museu; declarando que a Associação não póde concorrer para essas despesas.

Quando obtenha resposta, submeterá á apreciação da Assembléa o seu parecer sobre este assumpto.

Subscreveu-se para os seguintes Congressos: de archeologia, de Carcassone e Perpignan; sendo convidado Mr. Emile Travers para representar a Associação; de pre-historia de França, que reuniu em Vanes em Agosto; e de salubridade, que teve logar em Setembro passado em Genebra.

Receberam-se convites da Academia Real das Sciencias, da Sociedade de Geographia de Lisboa, do Atheneu Commercial de Lisboa e doutras corporações para esta Associação se fazer representar em diferentes solemnidades realizadas por essas collectividades durante o corrente anno.

Foi grato ao Conselho que a nossa Associação recebesse mais esta prova de consideração de tão respeitaveis agremiações.

Foi auctorisado o sr. Thesoureiro a comprar, quando achar opportuno, um bufete e tres cadeiras de espaldas para a sala das sessões desta Associação, caso não se obtenha a cedencia desses objectos pela Direcção Geral dos Proprios Nacionaes, a quem se pediu essa concessão.

Tambem foi auctorisado a mandar fazer novos fardamentos para os empregados da Associação.

O sr. Dr. Miguel Bombarda, secretario geral do Congresso internacional de Medicina, reunido nesta capital em Abril passado, pediu para ser permittido aos Congressistas visitar o Museu do Carmo mediante a apresentação do seu bilhete de identidade;

Annuiu com prazer o Conselho ao pedido do illustre clinico.

Por essa occasião foi o Museu visitado por numerosos Congressistas e suas familias.

Para adquirir uma concepção clara do estado presente é indispensavel estudal-o na série dos seus estados anteriores, remontando ás suas origens e seguir passo a passo os seus desenvolvimentos successivos atravez do tempo e do espaço.

No estudo da archeologia encontramos as differentes séries da evolução das civilizações durante o seu successivo desenvolvimento e adquirimos o conhecimento das luctas e dos esforços que custou ás gerações extinctas a conquista da civilização que nos legaram; o respeito e gratidão que devemos a essas gerações; por isso todo o homem culto, pensador e de sentimentos elevados, que tem meios de facultar a aquisição desses conhecimentos, tem o dever moral de o fazer, e não menos uma associação scientifica que deve concorrer para a illustração e aperfeiçoamento das classes populares.

Seguindo esta ordem de idéas, consultou o nosso secretario, o sr. Rocha Dias, na ausencia do Presidente, que se achava fóra do reino, o Vice-Presidente, sr. Rosendo Carvalheira se convinha reunir a Assembleia para deliberar se devia franquear-se ao publico a entrada no museu desta Associação nos dias 12, 13 e 14 de Junho durante as festas promovidas pelo Grande Club de Lisboa que attrahiram numerosos forasteiros á capital, desejosos de aproveitar a oportunidade de ver o que ella offerece de notavel e digno de observação e estudo.

Por motivos que foram justificados em Assembleia geral, foi esta consulta feita com curta antecipaçaõ; por isso respondeu o sr. Carvalheira que não havia tempo de reunir a Assembleia para dar o seu parecer sobre esse assumpto, sendo a sua opinião individual que devia ser concedida ao publico a entrada franca no Museu durante as festas mencionadas.

Assumi a Mesa essa responsabilidade a exemplo do que praticaram os directores doutros museus de Lisboa, resolvendo abrir extraordinariamente ao publico as portas desses estabelecimentos scientificos nessa occasião, no que deram um testemunho da sua illustração; e attendendo á indole desta Associação, cujo espirito levantado antepoz sempre os deveres moraes a mesquinhos interesses materiaes, na justa aspiração de vulgarisar conhecimentos, espalhar a civilização e propagar idéas, concorrendo, pelos meios ao seu alcance, para a instrucção publica, pelo que bem digna se torna da protecção do Estado; tanto, e não menos dô que outras associações por elle subsidiadas.

Desejaria o Conselho propôr á Assembléa que permittisse a entrada gratis no nosso Museu, como o faria de bom grado se fosse possível prescindir da receita auferida pela admissão dos visitantes; receita infelizmente indispensavel e actualmente insubstituivel, attenta a exiguidade dos recursos da Sociedade.

Em sessão de Assembléa de 25 de Junho ultimo deu a Mesa conta da resolução que havia tomado e da numerosa concorrencia de visitantes que affluiram ao Museu, em numero aproximado de quatro mil pessoas, tendo a satisfação de lhe ser approvada a sua deliberação e votados louvores unanimes pela fórma como interpretou os sentimentos da Associação, que em demonstração de honrosa confiança e segurança na sua lealdade e zelo concedeu-lhe auctorisação para no futuro e sempre que entendesse dever fazel-o, franquear a entrada no museu da Sociedade.

Em virtude dessa auctorisação, foi a 14 de Agosto, anniversario da celebre batalha de Aljubarrota, facultado o accesso no Museu da nossa Associação e patenteadas estas venerandas ruinas ao publico, não só para commemorar uma data das mais notaveis que aponta a historia portugueza, como para avivar os sentimentos de reverencia devido ao nome do insigne Condestavel, denodado protogonista daquella memoravel acção e fundador piedoso deste historico edificio em cujo recinto ainda resoam os echos da sua virtude, da sua gloria, da grandeza dos seus feitos, e recordam a energia dum povo intrepido, que, tendo alcançado a sua independencia, soubera conquistar na Europa um dos logares mais proeminentes, mais tarde confirmado pelos prodigios da sua aventureosa carreira e pelo impulso que imprimiu á civilisação do mundo. Feito que rendera gloria a Portugal e lustre a toda a Europa!

Posto que o dia 14 não fosse santificado, concorreram a visitar o museu 1412 pessoas, na maioria da classe popular, examinando com notavel interesse os objectos expostos e mostrando desejo de conhecer a sua significação; prova de que vão comprehendendo a utilidade da instrucção e a necessidade de a adquirir para conhecer os seus direitos e o que devem á sociedade.

Todos os esforços empregados em diffundir a illustração e inculcar os sentimentos de respeito pelas nossas tradições, inspirando o nobre desejo de corresponder ao nosso passado de feitos gloriosos, são um dever digno de louvor quando se cumpre.

Sempre que o Museu esteve gratuitamente franco ao publico, foram tomadas as providencias e dadas as instrucções necessarias para que a ordem fosse mantida e fiscalizada a sua fiel execução pelo sr. Secretario e pelo Bibliothecario da Associação.

Sob proposta do nosso esclarecido collega o sr. Augusto Ribeiro, havia resolvido, unanime, esta Associação laurear o socio benemerito o sr. Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo com a medalha de prata creada por esta Sociedade para premiar serviços relevantes prestados á architectura ou á archeologia, devendo ser-lhe entregue em sessão solemne.

Sendo porém notorio que depois dessa resolução se aggravaram os padecimentos do nosso presado consocio, não lhe permittindo, infelizmente, o estado da sua saude vir á séde da Associação assistir a esse acto e receber aquelle tributo de consideração, accordou o Conselho que fosse a Mesa entregar-lhe em sua casa a medalha e o respectivo diploma, na intima convicção de que em nada diminuia o valor, significação e alcance essa homenagem de apreço e affecto áquelle fervoroso apostolo do trabalho e do estudo, da civilisação e do progresso, pelos seus valiosos serviços prestados á sciencia, ás letras e a esta Associação; de respeito pela dignidade do seu character e elevação de sentimentos.

Para esse fim precisava da sancção da Associação, que foi convidada a reunir em assemblea geral a quatro de Abril proximo passado; dia escolhido por ser o do anniversario natalicio da Ex.^{ma} sr.^a D. Sophia Viterbo, filha extremecida do nosso digno consocio, auxiliar intelligente nos seus estudos; luz dos seus olhos em toda a accepção da palavra, e pelos dotes, acrisolado amor filial, dedicação e affecto, o enlevo da sua alma!

Reunida a Assembleia e approvedo o parecer do Conselho por unanimidade, por unanimidade foi resolvido que, por um dever de justiça e para dar mais realce e maior significação a esse acto, fosse envolvida nessa homenagem aquella distincta senhora; prestando-se-lhe assim um preito de veneração, sympathia e respeito e tornando aquella manifestação mais grata ao coração do seu extremoso pae.

Seguidamente levantou-se a sessão e dirigiu-se a Mesa, acompanhada por todos os socios presentes, a casa do sr. Sousa Viterbo, e ali, tomando a palavra o nosso digno Presidente, o sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, fiel interprete dos sentimentos desta Associação, endereçou ao nosso illustre consocio, em phrase levantada, eloquentes expressões de admiração pelo seu talento e de respeito pelos dotes moraes que o nobilitam; pedindo-lhe que aos seus loiros litterarios e scientificos juntasse mais esta corôa, embora modesta; porém d'alta significação como

tributo sincero de subido apreço duma corporação que se honra de o contar no seu gremio.

Referindo-se á Ex.^{ma} Sr.^a D. Sophia Viterbo, poz em relevo as suas altas virtudes, realçadas pelos brazões da intelligencia e esmerada cultura intellectual; a dedicação e affecto que consagra a seu pae; nobres affeições em que cifra a vida inteira e que se impõem á vneração de todos que comprehendem e prezam o dever!

Concluiu por felicitar a S. Ex.^a, em nome da Associação, pelo seu anniversario natalicio e por depôr nas mãos do nosso prezadissimo consocio a medalha que lhe conferia a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes como premio devido aos seus notaveis trabalhos e vasta illustração, e não como estimulo; porque de estimulo não precisa tão abalisado cultor das lettras, fonte inexhausta de valiosas producções!

Nessa occasião foi-lhe entregue o respectivo diploma pelo nosso secretario o sr. Rocha Dias.

Com expressões bem significativas do seu vivo reconhecimento agradeceu o sr. Dr. Sousa Viterbo, fazendo sentir quanto o penhorava e commovia ver aquella manifestação abranger o nome de sua prezadissima filha; delicadeza que lhe vibrava as cordas mais sensiveis da sua alma e captivava a sua eterna gratidão para com esta Sociedade.

Assim terminou aquelle acto solemne, commovente e nobre!

Solemne na sua simplicidade e significação; commovente, pelas affectuosas sensações que despertou; nobre, pelos levantados sentimentos que o inspiraram!

A 16 de Abril, preterito, ratificou o sr. Sousa Viterbo ao nosso Presidente, em carta adornada com as galas e encantos do seu florido estylo e linguagem portugueza de boa lei, os protestos do seu reconhecimento á nossa Associação.

Pelas contas que o nosso meritissimo Thesoureiro apresentará oportunamente, terá a Associação conhecimento do estado financeiro da Sociedade, das despezas auctorizadas pelo Conselho e gratificações distribuidas em recompensa de serviços prestados a esta Corporação.

Tambem tomará conhecimento das offeras feitas á nossa Bibliotheca, obras adquiridas, encadernações, assignaturas e mais esclareci-

mentos, pelo relatório que o respectivo Conservador apresentará, como lhe cumpre.

Foi readmittido o socio effectivo o sr. Dr. Alfredo da Cunha, e entraram de novo para a mesma classe mais seis.

Correspondentes, nacionaes e estrangeiros, cinco.

Durante o corrente anno foi o nosso Museu augmentado com o seguinte:

— Varios objectos apparecidos nas escavações a que se procedeu para obras dentro do quartel do Carmo, e offerecidos pelo sr. coronel Filippe Malaquias de Lemos.

— Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos depositou differentes objectos encontrados no subsolo da Praça de D. Pedro 4.º quando se procedeu a escavações para demolição de paredes entre a rua do Ouro e Calçada do Carmo para construcção da linha electrica em 15 de Maio de 1901.

— Um quadro de sete bellos azulejos arabes offerecido pelo sr. Eduardo Esteves de Freitas e pelo sr. Gabriel Pereira uma moeda romana em cobre, de pequeno modulo.

Tambem, a pedido do Conselho, mandou o sr. conselheiro Eduardo Segurado, Governador Civil do districto de Lisboa, entregar a esta Associação para o seu Museu o brazão que encimava a porta principal do Governo Civil, que fôra apeado em virtude das obras que se estão realisando no edificio daquella repartição do Estado.

— Annuindo o sr. Director da Escola Polytechnica ao pedido que lhe dirigiu o Conselho, cedeu, ultimamente, para serem depositadas no nosso Museu varias imagens esculpidas em pedra, uma lapide com inscripção, columnas de marmore, alguns capiteis e outros objectos que se trata de mandar remover para o Museu e que foram devidamente agradecidos.

Com satisfação consignou o Conselho quanto se congratulou pelas melhoras do nosso consocio Monsenhor Pereira Botto, e os votos pelo seu completo e prompto restabelecimento.

Pela morte dos socios correspondentes os sr. Manoel Maria Portella e Albano Bellino foram exarados votos de sincero sentimento, e de pesames aos nossos consocios os sr.^s Ascensão Valdez, pela morte prematura de sua prezada filha; Julio Augusto Ferreira, pelo passamento do seu estremoso pae; Jesuino Ganhado, pelo fallecimento do seu saudoso irmão.

O Conselho regista estas perdas com profunda magua.

Depois dum periodo florescente, de porfiadas lidas, actividade effcaz e brilhantes affirmações intellectuaes, teve a nossa Associação um momento de desalento!

Felizmente ergueu-se desse esmorecimento com energia, enthusiasmo e auspiciosa confiança no seu futuro!

Inaugurando uma nova era, conseguiu renovar, ampliar e estreitar as boas relações que mantem com solicitude com outras associações nacionaes e estrangeiras.

Pugnando com zelo e affecto pela conservação dos monumentos que attestam as nossas glorias e grandezas passadas e exaltam o nome portuguez, attraheu a attenção e sympathia publica e mereceu honrosas referencias da imprensa, que muito captivam o nosso reconhecimento.

Após tres annos de successiva interrupção, pôde vencer serias difficuldades e restabelecer a publicação do Boletim, órgão desta Corporação e testemunho dos seus trabalhos, das suas aspirações, da sua vitalidade.

Obteve dos poderes publicos importantes reparações e notaveis melhoramentos para este historico edificio, séde da nossa Associação, indispensaveis para a sua conservação, por tantos titulos preciosa e digna de toda a solicitude.

Enriqueceu e augmentou o seu Museu; melhorou a sua disposição, e espera em breve dar-lhe uma orientação definitiva e mais conforme com os methodos scientificos.

Desenvolveu consideravelmente a sua Bibliotheca; estabeleceu-a em condições mais adequadas e vela com interesse pela sua conservação e augmento.

Organisou em convenientes condições o seu archivo que pôde ser consultado de momento, graças ao zelo do nosso Secretario o sr. Ro-

cha Dias que dedicou especial cuidado a este importante ramo das suas attribuições.

Subscreveu e teve representação em varios congressos scientificos, para que foi convidada, e que foram effectuados em differentes paizes.

Quanto o permittiram os estreitos limites dos seus recursos, correu para varias subscripções que lhe foram solicitadas.

Finalmente, chamou ao seu gremio novos socios que, pela auctoridade do seu nome, illustração e competencia promettem efficaz e valiosa cooperação no justo labôr de elevar a maior auge o lustre desta Associação e garantem ao Conselho a realisação dos seus ardentes votos: um futuro prospero e brilhante para esta Sociedade e honroso para a memoria prestigiosa dos seus illustres fundadores!

Sala das sessões do Conselho Facultativo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 27 de Dezembro de 1906.

O Presidente — *Augusto José da Cunha*

Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos

J. V. Mendes Guerreiro

Gabriel Pereira

José Joaquim d'Ascensão Valdez

Jesuino Arthur Ganhado

J. Rodrigues Fernandes

José Alexandre Soares

Arthur Lamas

Secretario — *Eduardo A. da Rocha Dias*

Relator — *Visconde da Torre da Murta*



REAL ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ACTA N.º 21

Sessão de Assembléa geral em 3 de Janeiro de 1907.

Presidencia do Ex.^{mo} Rev.^{mo} Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.
Secretarios, Rocha Dias e o sr. Costa Campos.

Abriu-se a sessão ás oito e meia horas da noite, achando-se presentes, além da mesa, os srs. Visconde da Torre da Murta, D. José Pessanha, Dr. Arthur Lamas, João Rodrigues Fernandes, José Alexandre Soares, Sebastião da Silva Leal e Jesuino Ganhado.

Leu-se a acta da sessão antecedente.

A fórma como este documento estava redigido, na parte relativa a eleições, sobretudo á eleição do vice-secretario da architectura, suscitou discussão, sendo por fim resolvido, sob proposta do sr. D. José Pessanha, que na presente acta se declarasse que, para o cargo de vice-secretario architecto, se procedêra a dois escrutínios; no primeiro houve empate, recaindo equal numero de votos no sr. Costa Campos e no sr. Rodrigues Fernandes; e no segundo escrutínio, obteve maioria o sr. Costa Campos.

O sr. J. Rodrigues Fernandes requereu que se consignasse na acta que era sua opinião que as eleições para os diversos cargos não foram feitas por maioria absoluta de votos.

O sr. Silva Leal disse que na sessão anterior o seu pedido, em relação á Camara Municipal de Setubal, fôra para que se lhe officiasse no sentido de mandar erigir sem demora o pelourinho da villa de Palmella, que tinha sido apeado para se proceder á sua collocação noutra local, o que ainda se não fez; e em relação á Camara Municipal de

Villa Franca de Xira, que se lhe dirigisse tambem um officio, para que tratasse, quanto antes, de fazer restaurar a base do pelourinho de Povos, que está ameaçando ruina.

Em continuação, pediu que se solicitasse dos poderes publicos o proseguimento dos interrompidos trabalhos de restauração da egreja da Varzea em Alemquer, a fim de que seja devidamente conservada a sepultura de Damião de Gões, satisfazendo assim aos desejos dos alemquerenses, no numero dos quaes se encontra o nosso socio correspondente sr. Moysés Carmo.

O sr. Presidente disse que reservava para occasião oportuna algumas observações, que não podia, pelo logar que occupava nesta sessão, apresentar á assembléa geral com referencia á sua proposta. Em seguida, submettendo á votação a acta que se discutia, ficou approvada com as rectificações mencionadas.

Correspondencia:

Do sr. conselheiro monsenhor conego Pereira Botto, um officio agradecendo a sua reeleição para vice presidente da archeologia e justificando a sua falta á sessão.

Outro do sr. Ernesto da Silva, agradecendo tambem ter sido reeleito para thesoureiro e desculpando-se de não comparecer.

Outro do sr. Julio Augusto Ferreira, sentindo não assistir á sessão e propondo que se exarasse na acta um voto de congratulação por ter sido eleito socio correspondente da Academia Real das Sciencias o sr. Victor Ribeiro.

Foi approvada por aclamação esta proposta.

Consignou-se um voto de sentimento pela morte do socio correspondente em Braga, o sr. Albano Bellino, illustrado escriptor archeologo.

Foi enviada ao conselho uma proposta para admissão de um socio honorario.

O sr. Rocha Dias justificou a sua falta á sessão anterior e disse que o sr. presidente, conselheiro Augusto José da Cunha, o encarregára de pedir á assembléa que acceitasse as suas desculpas por ter de faltar á sessão; e que o socio benemerito sr. Antonio Felix da Costa offerecera para o Museu da Associação uma photographia duma capella, cuja fundação data de 1634, que existe na propriedade pertencente ao

sr. Anthero de Araujo, nos arrabaldes do Porto, quinta de Contomil. A photographia foi feita pelo mesmo sr. Araujo a pedido do sr. Costa.

Foram admittidos a socios correspondentes os srs: Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, conego capitular da Sé de Braga, professor decano de sciencias ecclesiasticas no Seminario Consiliar, bacharel formado em direito, grande colleccionador de armas antigas e faianças;

Dr. Manuel Monteiro, bacharel formado em direito, amator eximio d'estudos archeologicos e auctor duns artigos de critica muito apreciados, sobre a demolição do castello de Braga.

José Martins Peixoto, rev. conego capitular da Sé de Braga, bacharel em theologia e formado em direito, ha quinze annos professor de historia ecclesiastica no Seminario Consiliar de Braga.

O sr. visconde da Torre da Murta, na qualidade de relator, leu o relatorio da gerencia do Conselho facultativo no anno proximo findo. Este consciencioso trabalho recebeu unanimes demonstrações de applauso.

O sr. Dr. Arthur Lamas disse que obtivera do sr. conselheiro Manuel Francisco Vargas a mais obsequiosa annuencia ao seu pedido para fazer a classificacão e descripção das moedas arabes existentes no Museu do Carmo.

A assembléa ouviu com extremo agrado esta communicacão, encarregando o sr. dr. Lamas de acompanhar aquelle nosso prestimoso socio benemerito na sua visita ao Museu.

Sobre o funcionamento das tres secções da Associação, a que se fizera referencia na sessão antecedente, deu o secretario Rocha Dias algumas explicacões baseadas em differentes artigos dos Estatutos e Regulamento, insistindo o sr. José Alexandre Soares na sua idéa de que é preciso reformar os Estatutos. Fizeram tambem consideracões sobre o assumpto os srs. Jesuino Ganhado, secretario Costa Campos, e Rodrigues Fernandes.

Não havendo mais de que tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão ás dez e meia horas da noite.

O Secretario

EDUARDO A. DA ROCHA DIAS.

ACTA N.º 22

Sessão de assembléa geral em 6 de Março de 1907.

Presidencia do Ex.^{mo} Rev.^{mo} Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Presidente da secção de archeologia. Secretarios, Rocha Dias e o sr. Costa Campos.

Ás nove horas da noite abriu-se a sessão, estando inscriptos no livro de comparencia, além da mesa, os seguintes socios, srs.: João Verissimo Mendes Guerreiro, Antonio Cesar Mêna Junior, Sebastião da Silva Leal, Arthur Lamas, A. R. Adães Bermudes, Francisco Soares O'Sulivand, José Alexandre Soares, Julio Augusto Ferreira, J. Rodrigues Fernandes e Victor Ribeiro.

Leu-se a acta da sessão antecedente e approvou-se depois de ter usado da palavra o sr. Victor Ribeiro, para agradecer o voto de congratulação que lhe foi dirigido nessa sessão, justificar as omissões na mesma acta referidas e lavrar o seu protesto contra a falta de regularidade na convocação das reuniões da assembléa geral (Documento n.º 1).

Monsenhor Elviro dos Santos declarou de novó que, em sessão, a que não presida, fallará sobre a acta na parte relativa á sua proposta ácerca do frontão da igreja da Conceição Velha.

O sr. Silva Leal propoz que se officiasse á Camara Municipal de Setubal agradecendo-lhe o ter mandado collocar o pelourinho de Palmella e ao Ministerio das Obras Publicas solicitando-lhe a continuação das obras de restauração da igreja da Varzea em Alemquer.

Foi approvedo.

Correspondencia:

Officios dos secretarios das secções de architectura, archeologia e construcção, em que participavam que para o anno corrente foram eleitos, *na primeira*, Presidente, José Alexandre Soares; Secretario, Antonio do Couto; Vice-Secretario, José Christiano Paula Ferreira da Costa; Delegado, Frederico Evaristo da Silva Gomes; Delegado Supplente, Francisco Soares O'Sulivand; *na segunda*, Presidente, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos; Secretario, José Joaquim d'Ascensão Valdez; Delegado, Dr. Arthur Lamas; Secretario supplente, Victor Maximiano Ribeiro; Delegado supplente, D. José Maria da Silva Pes-

sanha; e *na terceira*, Presidente, João Verissimo Mendes Guerreiro; Secretario, João Rodrigues Fernandes; Delegado, Jesuino Arthur Ganhado; Secretario supplente, Francisco Soares O'Sulivand; Delegado supplente, Antonio Cesar Mena Junior.

Do sr. Theodoro Pinto Basto, Presidente da Camara Municipal de Lisboa, dando conhecimento de que a mesma Camara, em sessão de 14 de Fevereiro ultimo, deliberára ceder para o Museu do Carmo todos os objectos de character historico e archeologico que possam resultar da proxima demolição da igreja dos Anjos, conforme lhe foi solicitado por esta Associação em officio n.º 517, e que não forem utilizados na nova egreja.

Do sr. Antonio José Baptista, presidente da Camara Municipal de Setubal, em data de 16 de janeiro, participando que tomára na devida consideração o pedido desta Associação e que o pelourinho de Palmella estava sendo restaurado.

De D. Delfina Rosa de Oliveira Cardoso Bellino, agradecendo os pezames que lhe foram dirigidos pelo fallecimento de seu chorado marido Albano Bellino, socio correspondente desta Associação e estimado escriptor archeologo.

Dos socios effectivos srs. Caetano Xavier de Almeida da Camara Manuel, Conde do Almarjão e rev. conego Joaquim Maria Duarte Dias, declarando que passavam á classe de socios correspondentes, nos termos dos *Estatutos*.

Do sr. Francisco Maria Pereira Botto, enviando para o Museu desta Real Associação cinco quadros com decalcos em gesso de uma inscripção hebraica, quatro incripções arabes, duas inscripções christãs, em portuguez, e uma reprodução muito nitida da inscripção tumular de João Fernandes Pacheco, cujo original está numa capella da charola da Sé de Lisboa. Estes decalcos pertenciam ao fallecido conselheiro Joaquim Maria Pereira Botto, conego da Sé Patriarchal de Lisboa. Mandou-se agradecer.

Do socio conservador da nossa bibliotheca, o sr. Visconde da Torre da Murta, justificando a sua falta á sessão por motivo de doença e reñettendo o Relatorio do Movimento da Bibliotheca no anno findo.

Rocha Dias leu este documento, que foi muito apreciado, approvando a assembléa uma proposta do sr. dr. Arthur Lamas para que na acta se consignasse um voto de louvor e agradecimento por esta

nova demonstração do incansavel zelo do sr. Visconde no exercicio do seu cargo.

Rocha Dias apresentou, em nome do sr. thesoureiro Ernesto da Silva, que se encontrava incommodado de saude, o seu relatorio e contas da receita e despeza da Associação, correspondentes ao anno civil de 1906.

Ficou sobre a mesa para ser enviado á Commissão revisora de contas.

O sr. Presidente propoz que fosse lavrado na acta um voto de profundo sentimento pela morte de monsenhor Pereira Botto, que foi nosso socio honorario e Vice-Presidente Archeologo, communicando-se á sua consternada familia esta resolução.

Foi unanimemente approvedo.

O sr. Victor Ribeiro disse que fazia tenção de apresentar tambem uma proposta em homenagem á memoria de Pereira Botto, um dos nossos consocios que mais teem illustrado o seu nome por distinctos serviços á Archeologia; em especial, a fundação do museu lapidar *Infante D. Henrique* em Faro, as indicações que deu para a restauração da Sé de Lisboa e a organização do thesouro da mesma Sé, de modo que pôde ser exposto aos visitantes que desejem admirar as preciosidades nelle contidas.

Propunha, portanto, que se dedicasse uma sessão especial para o elogio deste benemerito da sciencia (Documento n.º 2).

Depois de breves observações dos srs. O'Sulivand e Presidente, foi approveda esta proposta, e bem assim outra do sr. Mêna para que no *Boletim* se imprima o retrato e juntamente o elogio de monsenhor Botto, que a Assembléa deliberou fosse escripto pelo sr. Victor Ribeiro.

Nesta occasião ficaram encarregados os srs. José Alexandre Soares, Adães Bermudes e Costa Campos, socios architectos, de procurarem o socio que está incumbido de fazer o elogio de Valentim José Corrêa, saudoso vice-presidente desta Associação, para lhe pedirem que no mais breve tempo que lhe seja possivel apresente o seu trabalho a fim de que possa realizar-se a inauguração do retrato, que ha mais de dois annos está concluido pelo distincto pintor nosso socio, sr. Antonio Felix da Costa.

O sr. Rodrigues Fernandes disse que empregaria eguaes diligen-

cias junto de um amigo do socio encarregado do elogio do nobre conde de São Januario, que por muitos annos occupou a presidencia da nossa Associação e cujo retrato é tambem trabalho do sr. Felix da Costa.

Continuando, pediu que se regularisasse o registo dos offerecimentos feitos ao Museu, os quaes, independentemente de serem mencionadas nas actas, devem todos constar do livro respectivo, a cargo dos srs. conservadores.

Em seguida, disse que devia considerar-se uma grande perda para a sciencia e para a arte o fallecimento do dr. Ferraz de Macedo, de Joaquim Prieto, insigne pintor, e de José Arnaldo Nogueira Mollariño, notavel gravador que fez a medalha da nossa Associação. Assim, pois, embora não fossem nossos consocios, desejava que na acta se consignassem votos de sentimento pela morte destes prestimosos cidadãos (Documentos n.^{os} 3 a 6).

Foi approvedo.

O sr. Mena Junior lamentou que a Camara de Cintra consentisse em se conservar apeado o cruzeiro da capella de S. Sebastião.

O sr. Presidente apresentou o parecer da Commissão encarregada de estudar a proposta, que o sr. Julio Augusto Ferreira fizera para que a Associação tivesse uma bandeira com um distinctivo seu.

A Commissão entende que esta bandeira deve constar das cores nacionaes com a corôa real; debaixo da corôa as iniciaes A. C. e A. P. e debaixo desta o anno de 1864, data da fundação da Real Associação.

Foi approvedo sem discussão, declarando o sr. Ferreira que todas as despesas com esta innovação corriam por sua conta e que tambem offerencia uma bandeira nacional para a porta do Museu.

Registaram-se com agradecimento estas offertas.

O sr. Julio Ferreira lembrou que seria talvez conveniente nomear uma commissão para fazer a escolha dos objectos que a Camara Municipal possa vir a ceder ao nosso Museu depois da demolição da egreja dos Anjos.

Sobre este ponto déram explicações os srs. Presidente e Soares O'Sulivand.

Foi remettida ao Conselho Facultativo uma proposta para a admissão de um socio effectivo.

Procedeu-se á leitura de um officio do sr. Fernando Eduardo de

Serpa, Presidente da Commissão Executiva do Conselho dos Monumentos Nacionaes, pedindo uma nota das casas memoraveis de que a Associação tenha conhecimento e que julgue dignas de serem consideradas como annexo á classificação geral dos monumentos portuguezes (Documentos n.ºs 7 e 8).

O sr. Victor Ribeiro felicitou-se mais uma vez por ter sido auctor da proposta em que se tratou o assumpto a que se referia o officio que acabava de ler-se.

Foi approvedo que se remetteste este documento á Secção de Archeologia para que, com a urgencia possivel, elaborasse a resposta que devia mandar-se.

Tendo-se proposto o alvitre de que, por maior brevidade, se dispensasse a reunião da assembléa geral para apreciar essa resposta, o sr. Adães Bermudes manifestou a sua discordancia e disse que o assumpto devia merecer a maxima ponderação; por isso sem duvidar absolutamente nada do criterio e bom senso da Secção de Archeologia, era sua opinião que a lista, que ella fizer, das casas memoraveis, seja presente á assembléa antes da sua remessa ao Conselho dos Monumentos.

Esta associação que tem contribuido efficazmente para a fiscalisação dos monumentos historicos, que tem publicado no seu *Boletim* numerosas noticias a esse respeito, e que foi a primeira entidade officialmente encarregada da classificação de monumentos nacionaes, tem o dever rigoroso de apresentar, em resposta ao honroso convite que lhe é dirigido, uma relação tão completa quanto lhe seja possivel.

Foi approveda a proposta do sr. Adães Bermudes.

Interrompeu-se a sessão para se confeccionarem as listas da eleição de Vice-Presidente Archeologo, cargo que exercia Monsenhor Botto, e da Commissão revisora de contas.

Procedendo-se á chamada, votaram 12 socios, tendo entrado na urna egual numero de listas.

O sr. Presidente convidou para escrutinador o sr. Rodrigues Fernandes.

Apurados os votos, ficou eleito Vice-Presidente Archeologo o sr. Conde de Sabugosa por 6 votos.

Foram tambem votados: Monsenhor Elviro dos Santos, Victor Ribeiro, 2 votos; Visconde da Torre da Murta e Conselheiro Adolpho Loureiro, 1 voto.

Para a Comissão revisora de contas ficaram eleitos os srs. Visconde da Torre da Murta, 11 votos, Julio Augusto Ferreira, 11; Victor Maximiano Ribeiro, 6.

Tiveram tambem votos os srs.: Silva Leal, 5; João Rodrigues Fernandes, 2; dr. Arthur Lamas, 1.

Proclamados os nomes dos eleitos, o sr. Presidente encerrou a sessão.

Eram mais de onze horas da noite.

O Secretario

EDUARDO A. DA ROCHA DIAS.

Documento I

Protesto

Resultando da inobservancia dos estatutos, no que toca á convocação de assembléas geraes ordinarias e extraordinarias, effectuarem-se as primeiras fóra dos prazos estipulados no art.º 19.º N.º 4.º § 3, e as segundas com largos intervalos, demorando-se a solução de propostas pendentes na mesa, e deixando-se portanto accumular negocios de interesse scientifico e associativo, que depois com difficuldade se discutem, de afogadilho, em uma só sessão, apesar de esta se prolongar até horas adeantadas da noite; verificando-se tanto neste facto como em outros exercicios das funcções associativas a falta de cumprimento exacto das determinações regulamentares, o abaixo assignado não querendo deixar de lavrar o seu protesto, visto não poder aprovar com o silencio estas infracções, muito embora as julgue originadas por circumstancias fortuitas, que não obstante importa remediar e evitar, lamenta profundamente taes occurrencias, e faz votos sinceros pelo restabelecimento das normas regulares de actividade social, como deve ser o desejo vehemente de quantos amam com dedicação os interesses dos estudos archeologicos e o renome da douda corporação scienfifica a que tanto se honra de pertencer.

Lisboa 6 de Março de 1907

O socio effectivo

VICTOR RIBEIRO.

Documento II

Academia Real das Sciencias

Homenagem ás memorias de monsenhor Pereira Botto
e dr. Francisco Ferraz de Macedo

«Na ultima sessão da 2.^a classe da Academia Real das Sciencias, em additamento á oração luctuosa proferida pelo vice-presidente sr. conselheiro Julio de Vilhena, lamentando a perda do socio correspondente Vasconcellos Abreu, o nosso amigo sr. Victor Ribeiro propoz á 2.^a classe a consignaçoão de um voto de sentimento pela perda que os estudos historicos e archeologicos acabavam de soffrer com a morte do associado provincial monsenhor Pereira Botto. Tendo lido um breve elogio do fallecido, apontando os seus principaes trabalhos e estudos, e relembando que monsenhor Botto legára ao Carmo uma parte das suas collecções, á Academia os seus livros e á Torre do Tombo os pergaminhos, o sr. Victor Ribeiro aproveitou o ensejo para pedir que se registasse, na acta o seu voto pessoal, lamentando, como velho amigo e admirador, a perda que a sciencia e o paiz acabavam tambem de soffrer pela prematura morte do sabio anthropologista dr. Francisco Ferraz de Macedo, modesto e pobre, afastado de honrarias e dignificações scientificas, quasi desconhecido do vulgo.

«Accrescentou que entendia cumprir um dever prestando, d'esta maneira, homenagem á sua obra altamente patriotica e desinteressada.

«A 2.^a classe acolheu com applauso e approvaçoão a referencia necrologica a monsenhor Botto, e, ácerca do fallecimento do dr. Ferraz de Macedo, proferiram palavras elogiosas para o fallecido, reconhecendo os seus merecimentos, proficiencia e dedicaçoão civica, os srs. conselheiro Hintze Ribeiro e Consiglieri Pedroso.»

(Seculo, 27 de fevereiro de 1907, n.º 9044).

Documento III

Dr. Francisco Ferraz de Macedo

Vista a ligacão estreita que existe entre os estudos anthropologicos e ethnologicos e a archeologia prehistorica—laço que será inutil referir—entendo que a esta Associaçoão de Archeologia, cumpre lamentar profundamente a morte do eminente homem de sciencia, cujo nome é tão conhecido e honrado lá fóra pelos mestres da Anthropologia, como Quatrefages, Manouvrier e Deniker, que a elle se referiram com elogio—o dr. Francisco Ferraz de Macedo, que bem póde considerar-se o *patriarcha* dos estudos de anthropologia e anthropometria em Portugal. Lembrará que o fallecido, collaborou no *Dict. des*

sciences anthropologiques (Paris 1888), foi auctor de um grande numero de obras scientificas de alto valor, como — *O homem quaternario e as civilizações prehistoricas na America* (1882), *Ethnogenia brasílica* (1886), *Varios ensinamentos* (1882), *Bosquejos de Anthropologia criminal* (1900), *Lusitanos e Romanos em Villa Franca de Xira* (1893), etc. Vivia modestamente, isolado, desconhecido do maior numero e morreu esquecido e ignorado na sua patria, da qual foi um dos mais illustres ornamentos scientificos.

Como amigo velho e admirador reverente, entende dever seu consignar aqui nesta sociedade scientifica, de que elle não foi socio, como o não foi da Academia, este preito de posthuma homenagem ao fallecido pelos inestimaveis trabalhos com que elle dotou o seu paiz, ennobrecendo e elevando o bom nome e conceito em que é tida por todo o mundo a sciencia portugueza.

No livro *A Terra e Homem* (Lisboa 1905) de pag. 328 a 335 lhe prestou o proponente a sua homenagem em vida, registando num resumido esboço os principaes trabalhos do illustre sabio portuguez (1).

Lisboa 6 de Março de 1907.

VICTOR RIBEIRO.

Documento IV

Dr. Francisco Ferraz de Macedo

«Na casa da sua residencia, Calçada do monte, n.º 2, falleceu hontem, victimado pela ruptura da aorta, o sr. dr. Francisco Ferraz de Macedo, um dos mais brilhantes ornamentos da sciencia portugueza, espirito complexo e dotado de raras e multiplas faculdades, trabalhador indefesso, homem cuja modestia só egualava o seu altissimo valor, affirmado em trabalhos de reputação mundial.

«Medico, professor, polyglotta, prosador e poeta, foi como anthropologo que elle, sobretudo, conquistou um nome que mereceu as honras de ser citado pelos mais illustres cultores d'essa sciencia.

Notas Biographicas

«Francisco Ferraz de Macedo nasceu em Agueda do Vouga, em 1845, filho de Antonio Ferraz de Macedo e de D. Maria de Macedo. Aos 8 annos foi para o Brasil e ahi se formou em pharmacia (1867), doutorando-se mais tarde em medicina (1872). Exerceu na capital do Brasil a profissao de medico, com exito.

(1) Leia-se á cerca deste notavel antropologista e dos seus estudos, o artigo biographico na *Encyclopedia portugueza Illustrada* (Porto); o que delle escreveram Estacio da Veiga nas suas *Antiguidades monumentaes do Algarve* (1887) e Nobre França no seu livro *Philosophia perante a historia*, bem como artigos necrologicos de Bettencourt Ferreira (no *Diario de Noticias*), *Chronica scientifica* de 6 de fevereiro de 1907, e Antonio Aurelio da Costa Ferreira no *Occidente*, n.º 1013, de 20 do mesmo mez.

Classificou, dispoz e organizou, em ordem scientifica, a pharmacia da Sociedade de Beneficencia Portugueza, do Rio de Janeiro. Fundado o Lyceu Litterario Portuguez, tomou a seu cargo as aulas de francez e inglez e bem assim o fazer algumas conferencias pedagogicas, litterarias, scientificas e patrioticas. Chegado a uma situação desafogada da sua vida, emprehendeu viagens de estudo á Europa.

«Em Stockolmo aprendeu rudimentos de lingua sueca, e em Genebra estudou a lingua grega antiga e moderna e a lingua russa. Além d'estas linguas estudou outras, sendo-lhe familiares o francez, o inglez, o italiano e o hespanhol.

«Na «Revista do Retiro litterario portuguez» deixou numerosos artigos sobre arte, viagens, agricultura, commercio e industria.

«Como poeta, deixou «Sonetos satyricos, epigramaticos, philosophicos e descriptivos» (1870), «Murros e abraços» (1875), «Sem titulo» (versões do russo—1888), «Dois dias de ociosidade» (1888), «Sem mãe» (versão do grego—1887), «Tempo perdido» (versão do grego—1888), etc.

«Como antropologo devem-se-lhe trabalhos notabilissimos, entre outros: «O homem quaternario e as civilizações prehistoricas na America» (1882), «Ethnogénie bresilienne», versão de Alberto Girard (1.^a edição) e de Henri de Courtois (2.^a edição) 1886 e 1887; «Quadros antropologicos», 1887; «Tableau des sutures craniennes»; «Tableau de capacité cranienne, dans trois categories d'individus portugais contemporains».

«Tableau des degrés de complication e de soudure de la suture saggitale sur 1:000 crânes portugais contemporains»; «Notes sur quelques anomalies craniennes»; «De l'encéphale humain avec et sans commisure grise»; «Crime et criminel»,—trabalhos estes apresentados a diversos congressos estrangeiros; —«Lusitanos e Romanos em Villa Franca de Xira» (1893); «Degeneração e degenerados na sociedade (1899); «Elementos elucidativos sobre a relação dos indices cephalicos e da estatura com a capacidade craniana» (Instituto, 1900); «Bosquejos de antropologia criminal» (1900); «Os criminosos» (1901), etc.

«O illustre professor Manouvrier escreveu de Ferraz de Macedo que era um homem conscienciosissimo, um pesquisador infatigavel e instruidissimo, dotado de notavel tenacidade. Quatrefages, na «Historia geral das raças humanas» refere-se ás suas observações com manifesta e honrosa consideração.

«Ha mez e meio offereceu Ferraz de Macedo ao museu da Escola Polytechnica, com os seus livros e instrumentos, a sua importantissima collecção de craneos humanos, que por elle foi estudada com particular e sabio cuidado.

«No estrangeiro, em varios congressos, representou com brilho o seu paiz e actualmente exercia o cargo de director do posto anthropometrico de Lisboa, junto do juizo de instrucção criminal, podendo chamar-se-lhe o patriarcha da antropometria no nosso paiz. Por occasião da visita de Eduardo VII, foi condecorado com a commenda da ordem da Victoria.

«O dr. Francisco Ferraz de Macedo não deixou testamento.»

(O Seculo, de 29 de Janeiro de 1907).

Documento V

Joaquim Prieto

«Falleceu hoje de manhã, na sua casa na rua de Andaluz n.º 11 este distincto e consciencioso pintor restaurador. Era academico de merito, cavalleiro de Christo, e foi professor interino na Academia de Bellas Artes, onde regeu a cadeira de desenho geometrico e de perspectiva, e a de paizagem por morte de Silva Porto, até á nomeação de Carlos Reis. Para o ensino da primeira colligiu valiosos elementos de estudo que deixou ineditos.

«Publicou um compendio elementar de desenho, que vendia a baixo preço e dava profusamente, para favorecer os estudantes pobres do curso de desenho dos lyceus e escolas. (!)

«Expoz muitos quadros nas exposições da Academia de Bellas Artes de 1856 a 1866 e de 1870 a 1872. Como alumno ordinario no concurso triennial de 1852 recebeu premio pecuniario, na Academia, e na Exposição internacional do Porto obteve a medalha de 2.ª classe.

«Era abalisado pintor, especializando-se na restauração de quadros antigos de mestre, trabalho que executava com mestria e consciencia escrupulosa, auxiliado pelos seus vastos conhecimentos da historia da arte.

«Durante longos annos foi elle o encarregado das restaurações artisticas de centenares de quadros existentes no Museu Nacional, nas egrejas da Madre de Deus, de Belem, de S. Roque e dispersos em galerias particulares e edificios publicos.

«Era, além de tudo, dotado de excellente character, muito bondoso e caritativo, modesto e simples. Distribuia profusamente em roda de si quantos beneficios lhe permittia a sua bolsa de incansavel trabalhador, e morreu na avançada idade de mais de 80 annos, impossibilitado já ha bastante tempo de trabalhar na sua arte querida, chorado por todos que o conheceram como artista distincto, e principalmente por quantos, recebendo os seus beneficios, o cobriam de um côro de benções.

«Possuia actualmente um atelier de pintura na rua de Andaluz.

«Lamentamos a falta insubstituivel de esse perito e consciencioso pintor-restaurador e de um excellente e bondoso character.»

(O Dia, de 6 de fevereiro de 1907).

Documento VI

José Arnaldo Nogueira Molarinho

«Conforme o *Seculo* noticiou hontem, falleceu no Porto, José Arnaldo Nogueira Molarinho, conhecido pelo «Gravador Molarinho» uma das figuras mais populares da capital do Norte.

(!) Em 1862, na *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, publicou o *Relatorio de 1861-1862* da *Sociedade Promotora de Bellas Artes*, de que era Secretario.

«Amigo de todos os jornalistas e artistas, o seu bom humor tornara-se lendario, e a seu respeito correm mundo as mais pittorescas anedotas.

«José Arnaldo Nogueira Molarinho contava 79 annos, tendo nascido em 1828, em Guimarães. Filho de um ourives, trabalhou na officina do pae até 1853, anno em que foi para o Porto e se dedicou á gravura com todo o bello talento que possuia.

«Assim, notabilisou-se n'essa arte e produziu alguns dos mais difficeis trabalhos no genero.

«Entre os numerosissimos trabalhos que fez para commercio, ha a notar as medalhas commemorativas dos centenarios do marquez de Pombal e do infante D. Henrique, da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, do Palacio de Crystal, da inauguração da ponte Maria Pia, da Universidade de Coimbra, etc., etc.

«Em 1875, commissionado pelo governo, foi a Paris visitar a exposição, onde aprendeu e se relacionou, com varios gravadores estrangeiros, que muito o consideraram, e com alguns dos quaes conservou correspondencia.»

(*O Seculo*, de 17 de fevereiro de 1907).

Documento VII

Conselho dos Monumentos Nacionaes

Extracto da sessão de 4 de fevereiro de 1907.

«As nove horas da noite de 4 de fevereiro de 1907, o presidente sr. Gabriel Pereira abriu a sessão, estando presentes os vogaes srs. Fernando de Serpa, Fernando Larcher, Abel Botelho, visconde de Atouguia, Ventura Terra e José de Figueiredo.

«Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, bem como cartas dos srs. Luciano Simões de Carvalho e Mardel d'Arriaga, justificando a sua não comparencia á sessão.

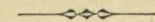
«Foi lido na mesa um officio da Associação dos Architectos e Archeologos chamando a attenção do Conselho para a conservação e adaptação a fins civilizadores das casas onde residiram mortos illustres, a exemplo do que se faz lá fóra, e entre nós já succedeu com a casa de Bocage, em Setubal. Como o conselho está ultimando a sua classificação de monumentos, resolveu inserir n'ella as casas que forem julgadas nas condições acima, e pedir desde já, sob proposta do sr. Abel Botelho, que a Associação dos Architectos e Archeologos lhe indique aquellas que, segundo o seu criterio, devem ser incluidas.»

(*O Seculo*, de 5 de fevereiro de 1907).

Documento VIII

Officio do Conselho dos monumentos

Conselho dos Monumentos Nacionaes. Commissão executiva.—N.º 14.—
 Ill.º e Ex.º Sr.—Tenho a honra de accusar a recepção do officio de V. Ex.ª
 n.º 516 de um do corrente mez, e em resposta venho dizer a V. Ex.ª que este
 Conselho se occupa no actual momento da classificação dos monumentos e
 por isso foi opportuno o officio de V. Ex.ª sobre casas memoraveis, assumpto
 este que o mesmo Conselho resolveu tratar numa das proximas sessões, ro-
 gando desde já a V. Ex.ª se digne enviar-lhe uma nota das casas de que a
 Associação da mui digna presidencia de V. Ex.ª tenha conhecimento e julgue
 dignas de serem consideradas como annexo á classificação geral dos monu-
 mentos portuguezes.—Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa, 16 de fevereiro de 1907.
 —Ill.º e Ex.º Sr. Conselheiro Presidente da Real Associação dos Architectos
 Civis e Archeologos Portuguezes.—O Presidente da Commissão Executiva
 (a) Fernando Eduardo de Serpa.



ACTA N.º 23

Sessão de assembléa geral em 20 de Março de 1907

Presidencia do Ex.º Sr. Conde de Sabugosa.

Secretario, Rocha Dias.

Abertura ás 8 e meia horas da noite, achando-se presentes, alem da mesa, os srs.: Monsenhor Elviro dos Santos, J. V. Mendes Guerreiro, Silva Leal, Julio Ferreira, José Alexandre Soares, Mena Junior e Victor Ribeiro. Entrou quasi no fim da sessão o sr. Abel Botelho.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Monsenhor Elviro dos Santos, lamentando que, por parte do Ministerio das Obras Publicas tenha sido demorada a realisação dos trabalhos de reconstrucção que, sob sua iniciativa, esta associação requereu em agosto de 1904 se effectuassem na fachada da igreja da Conceição Velha, propoz o seguinte:

«Modificando a minha proposta de 29 de novembro ultimo, (Documento n.º 1) na parte relativa ao frontão da igreja da Conceição Velha desta capital:

«Proponho que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes represente de novo ao Governo de Sua Majestade pedindo que mande abrir concurso entre os artistas portuguezes para

destruir o referido frontão, e arrematar a fachada do edificio em harmonia com o seu estylo manuelino.»

O sr. José Alexandre Soares, como architecto pertencente á secção encarregada dos trabalhos necessarios para a elaboração do projecto das obras, de que monsenhor Elviro dos Santos fallou, disse que podia informar a assembléa de que o desenho da fachada está quasi concluido.

Lembrou ainda Monsenhor Elviro dos Santos que poderia officiar-se á Sociedade Propaganda de Portugal para que juntasse os seus pedidos ao desta Associação.

Foi approvada a proposta.

O sr. Conde de Sabugosa agradeceu a honra da sua eleição para Vice-Presidente Archeologo, promettendo cooperar quanto lhe for possivel para que a nossa Associação, que lhe é credora de toda a consideração pelos valiosos serviços que tem prestado em variados ramos da actividade social, possa progredir, prosperar e engrandecer-se cada vez mais.

Monsenhor Elviro dos Santos felicitou-se de ver na presidencia o nobre Conde de Sabugosa e propoz que se consignasse na acta um voto de congratulação por este motivo.

Approvado por aclamação.

O sr. Conde de Sabugosa novamente agradeceu.

O secretario justificou a falta dos srs. Ernesto da Silva e Rodrigues Fernandes:

Monsenhor Elviro dos Santos disse que a secção de archeologia fôra duas vezes convocada para tratar da resposta que a assembléa lhe incumbira formular; e que não tendo, por falta de numero de seccionistas, havido reunião á primeira vez, se deliberára á segunda, depois de ponderados diversos elementos de informação sobre o assumpto que se discutia, encarregar o sr. Victor Ribeiro de elaborar o respectivo Parecer.

O sr. Victor Ribeiro, sentindo que a maioria dos membros da secção não tivesse comparecido para collaborar no estudo do importante assumpto, sobre que era solicitada a sua opinião, leu o Parecer relativo a casas memoraveis (Documento n.º 2), cuja relação o Conselho dos Monumentos pedira em officio n.º 14, de 16 de Fevereiro ultimo, e disse que successivamente poderia ser enviada áquelle Conselho a indicação de mais algumas casas que

fossem occorrendo á lembrança e que porventura deixaram agora de ser mencionadas.

Os srs. Mena Junior, Monsenhor Elviro dos Santos e Silva Leal propozeram alguns additamentos.

Foi approvedo o Parecer com esses additamentos.

Monsenhor Elviro dos Santos mandou para a mesa tres propostas.

A primeira era nos seguintes termos:

«Considerando que os Estatutos pelos quaes se rege a Real Associação dos Architectos Civi e Archeologos Portuguezes são actual-mente um obstaculo ao progresso de tal Associação;

«Considerando que os mesmos Estatutos não estão em harmonia com as leis vigentes;

«Proponho que se eleja uma commissão de cinco membros, a fim de elaborar um projecto de Estatutos, e sujeital-o á discussão e approvação da assembléa geral.

Lisboa, Sala das sessões da Real Assqciação dos Architectos Civi e Archeologos Portuguezes, 20 de Março de 1907.

O socio effectivo, *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*»

O sr. Presidente disse que, occupando pela primeira vez a presidencia desta assembléa, no impedimento do Presidente effectivo, não desejava que se tratasse de uma proposta para alteração dos Estatutos, e por isso pedia a Monsenhor Elviro dos Santos que annuisse a que essa proposta ficasse sobre a mesa até poder comparecer o sr. Conselheiro Augusto José da Cunha e então sobre ella se tomar uma resolução.

Monsenhor Elviro dos Santos prestou a annuencia pedida.

Passou-se á segunda proposta.

«Proponho que a Real Associação dos Architectos Civi e Archeologos Portuguezes peça por intermedio do seu *Boletim* os retratos de todos os seus Ex.^{mos} socios, a fim de serem collocados em album ou quadro na sala das sessões respectiva.

O socio effectivo, *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*»

Foi approveda sem discussão.

Terceira proposta:

«A fim de que todos os Ex.^{mos} socios da Real Associação dos Ar-

chitectos Civis e Archeologos Portuguezes e o publico tenham conhecimento dos objectos existentes no Museu do Carmo, já por doação, já por compra, já por deposito, etc., conheçam a historia de taes objectos e se evitem difficuldades futuras, proponho que se abra no *Boletim* da Real Associação uma secção, onde se reproduzam os referidos objectos, acompanhados de noticias minuciosas dos mesmos, e de tempos a tempos se tirem separatas para vender.

O socio effectivo, *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*»

Approvada sem discussão.

O sr. Victor Ribeiro propoz que no *Boletim* se transcrevam os Documentos ácerca da serventia publica municipal do terreno ao lado do convento do Carmo e porta travessa da egreja, hoje entrada do elevador, publicados nos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, t. XIV, pag. 165 e sèguintes; e que na capa de cada *Boletim* se enumerem os titulos dos livros que entrarem na Bibliotheca da Associação a começar de janeiro do corrente anno.

Foi approvedo.

Tambem o sr. Victor Ribeiro propoz que, attendendo ao estado lamentavel em que se encontra o palacio de El-Rei D. Diniz no Castello de Extremoz, se officiasse ao Conselho dos Monumentos Nacionaes, rogando-lhe que mandasse ali construir uma vedação e que se dirigisse um pedido á Camara Municipal daquella villa para mandar restaurar o seu pelourinho, que está depositado na egreja dos Congregados.

Terminando, requereu que se consignasse na acta um voto de congratulação pelo trabalho ultimamente publicado, do socio correspondente sr. Herculano de Moura, ácerca das inscripções indianas na quinta da Penha Verde, em Cintra, de uma das quaes existe um decalco em gesso no Museu da nossa Associação.

Monsenhor Elviro dos Santos propoz que ao Conselho dos Monumentos se solicitasse a restauração do cruzeiro historico do templo e matriz de Santa Maria d'Obidos, que ficou despedaçado pelo vendaval em fevereiro ultimo, aproveitando-se apenas a base da cruz de pedra, de esculptura gothica, que ha seculos encimava a cupula do templo.

Esta e as outras propostas do sr. Victor Ribeiro foram approvadas sem discussão.

Não havendo mais nenhum socio inscripto, o sr. Presidente encerrou a sessão.

Eram quasi onze horas da noite.

O Secretario

EDUARDO A. DA ROCHA DIAS.

APPENSOS Á ACTA N.º 23

Documento I

«4.º Tendo a certeza de que a minha proposta relativa ao frontão da igreja da Conceição Velha desta Capital não foi ainda executada, proponho que se officie desde já ao Ex.^{mo} Sr. Conde de Sabugosa, illustre membro da Comissão eleita para pedir a alta protecção de Sua Magestade a Rainha a Senhora Dona Maria Amelia, a fim de renovar o pedido perante Sua Magestade, e que se officie no mesmo sentido ao Ex.^{mo} Sr. Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria.

Lisboa, Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 29 de Novembro de 1906.

O socio effectivo, *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*»

Documento II

Veja-se neste Boletim pag. 73 a 83.

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Principaes assumptos que foram tratados ou referidos em sessões de assembléa geral desde 22 de Novembro de 1863 (data da fundação) até 11 de Novembro de 1889.

Em 22 de Novembro de 1863, ás 11 horas da manhã, por convite do architecto da Casa Real Joaquim Possidonio Narciso da Silva, reuniram-se em uma das salas do *Gremio Popular*, então estabelecido na calçada do Combro (Lisboa) os seguintes architectos: João Pires

da Fonte e José da Costa Sequeira, professores de architectura, da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa; Feliciano de Sousa Corrêa, Paulo José Ferreira da Costa, Valentim José Corrêa, Verissimo José da Costa e Manuel José de Oliveira Cruz, architectos da Reparação de Obras Publicas.

Possidonio da Silva leu um projecto de *Estatutos* de uma associação de Architectos Civis, que passou a ser discutido nas reuniões subsequentes, celebradas tambem no *Gremio Popular*, cuja Direcção sublocou uma das salas com a competente mobilia.

A mesa provisoria para dirigir os trabalhos da associação foi eleita em 30 de Novembro de 1863. Compunha-se dos seguintes architectos:

Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Presidente;

José da Costa Sequeira, 1.º Secretario;

Paulo José Ferreira da Costa, 2.º Secretario;

Feliciano de Sousa Corrêa, Thesoureiro.

Commissão eleita para redigir definitivamente os *Estatutos*: José da Costa Sequeira, Paulo José Ferreira da Costa e Valentim José Corrêa.

Em 20 de Dezembro foram approvados e Possidonio da Silva incumbiu-se de submittel-os á sancção do Governo de Sua Magestade, resolvendo-se que a começar em Janeiro proximo se cobrasse a cada socio uma quota mensal de quinhentos réis.

1864

Janeiro, 22.—Propostas de Possidonio da Silva:

1.^a Relativa ás condições locais, commodidades e demais circumstancias vantajosas que deviam offerecer os predios de um novo bairro expressamente destinado á habitação das classes operarias.

2.^a «Para se designar qual a relação existente entre os edificios religiosos da capital, pelo espaço que suas plantas occupam, e a classificação dos estylos e suas diferenças, indicando-se os que reúnem maiores graus de perfeição e se ha alguns cuja architectura se possa classificar como nacional e por que fundamentos se deve fazer tal classificação.»

3.^a «Sobre a hygiene applicada á edificação. Meios mais efficazes para que os canos das pias vedem e evitem completamente as emanações dos gazes nocivos á saude dos habitantes.»

4.^a «Indicação da fôrma mais adequada que se deve dar a qualquer monumento que se pretenda erigir na Praça de D. Pedro (vulgó Rocio), de maneira que produza o melhor effeito, sem destruir a belleza e regularidade da mesma praça.»

Propostas de Paulo José Ferreira da Costa.

1.^a Que a Associação encarregasse um dos seus membros de fazer memorias dos principaes edificios do reino para serem conhecidas dos estudantes de architectura e do publico;

2.^a Que pedisse ao governo, pelo Ministerio das Obras Publicas, amostras de todos os materiaes de construcção produzidos e empregados nos differentes districtos do reino com os respectivos preços referidos ao systema metrico;

3.^a Que por esse mesmo Ministerio se respondesse ás perguntas que a Associação fizesse quanto a nomenclatura architectonica para se encarregar um ou mais socios de fazer um Diccionario da Arte.

4.^a e 5.^a Que se pedisse ao governo a organisação do curso de estudos que devem fazer os individuos que quizerem obter o titulo e diploma de architectos, podendo, sem augmento de despeza para o thesouro, adoptar-se o curso de Hespanha; e que nas Academias de Bellas Artes de Lisboa e Porto e no archivo desta Sociedade houvesse plantas, alçados e córtes de todos os edificios publicos do Estado.

Fevereiro, 12.—Participou o Presidente, Possidonio da Silva, que os Estatutos da Associação foram approvados por Decreto de 30 de Janeiro.

Fevereiro, 26.—Propostas de Possidonio da Silva:

1.^a Que a Associação solicitasse do governo a entrega das ruinas da antiga egreja do Carmo de Lisboa para se mandarem ali recolher os fragmentos architectonicos dignos de conservação, formando-se uma collecção dos existentes na capital e seu termo e reservando-se para mais tarde fazer-se o mesmo com os outros fragmentos que se encontrassem nas provincias em estado de abandono; dando-se assim começo a um *museu de antiguidades* pertencentes á Architectura.

2.^a Que se auctorisasse o Presidente a fazer um curso de stereotomia, duas vezes por semana, ás 6 ¹/₂ horas da tarde.

M. Victor Baltard, membro do *Instituto* e Vice-Presidente da Associação Central dos Architectos de Paris, prometteu estabelecer correspondencia com a Associação.

Março, 21.—Apresentação de dois projectos para casas de habitação e bairros dos operarios, um delineado pelo socio Lucas José dos Santos Pereira, acompanhado de uma exposição escripta; o outro delineado pelo Presidente.

Propostas de Possidonio da Silva para serem discutidas pelas secções:

1.^a Sobre a descoberta dos meios facéis de se estabelecerem ventiladores nos theatros.

2.^a Sobre as vantagens que podem offerecer os telhados ou coberturas de metal e sua comparação com os que ordinariamente se cobrem de telha.

3.^a Que se indicasse a melhor forma que se podia dar á entrada da igreja parochial de Santos-o-Velho, aformoseando ao mesmo tempo as ruas e largos proximos.

Feliciano de Sousa Corrêa lembrou que se pedisse ao governo que, por ocasião da venda da igreja do extincto convento do Beato Antonio, fizesse retirar dali, para não serem vendidos, quaesquer objectos de valor artistico, archeologico ou historico, que porventura foram depositados naquella igreja, quando o Governo queria destinal-o a servir de *Pantheon*.

Officiou-se ao Ministerio da Fazenda neste sentido.

Abril, 18.—Constituiu-se pela primeira vez o Conselho Facultativo.

Maió, 6.—Participou o Presidente que a deputação encarregada de agradecer a El-Rei o Senhor D. Luiz I a approvação dos Estatutos, teve a honra de ser recebida pelo mesmo Augusto Senhor no dia 28 de Abril, lendo o sr. Possidonio da Silva um breve discurso, a que Sua Majestade se dignou responder dum modo muito lisongeiro.

(*Continua*).

AZULEJOS

(Continuado do n.º 9, t. x)

Depois da classificação feita pelo sr. Conceição Gomes e da consulta do mappa que adiante segue, se pôde, com muita approximação, fixar a epocha dos differentes typos d'azulejo, devendo, comtudo, haver o cuidado de bem comparar o azulejo a classificar com a descripção contida no referido mappa.

A fim de facilitar a consulta vou definir as palavras que constituem a technologia do assumpto:

Alicatado.—Ornato cuja fórma dá uma idéa do alicate.

Arabescos.—Resultado da combinação de pequenas figuras geometricas.

Centro.—Ornato ou figura assente sobre um fundo de côr differente e fechado por uma facha ou grega em que predominam as mesmas côres.

Enxequetado.—O mesmo que enxadrezado.

O enxequetado pôde ser de *palla* e *facha* ou de *banda* e *contrabanda*.

Facha, bordadura ou grega.—Molduras que contornam os quadros.

Festão.—Fantasia de folhas, flores, fructos, etc., ligados por fitas e suspensos por um cordão de verdura (grinalda) fixado, geralmente, a cornucopias ou outra qualquer ornamentação.

Florão.—Centro sobre um fundo liso (uma só côr). Pôde ser quadrado ou circular conforme as linhas, que o contornam, tiverem esta ou aquella fórma.

Na facha que o envolve, nota-se, em geral, a côr que no centro é mais accentuada.

Laçarias.—Desenhos formados por fitas ou cordões que se entrelaçam.

Medalhão.—Moldura que contorna um fundo circular ou em fórma de eHypse, cujo centro é de ordinario uma effigie notavel.

Neste genero só conheço os da quinta da Bacalhóa, proximo de Azeitão, e que representam differentes Imperadores romanos.

Quadro.—Espaço envolvido por uma moldura e no qual se representa um assumpto qualquer.

MAPPA AUXILIAR PARA A CLASSIFICAÇÃO DOS AZULEJOS

Datas	Origem	Descrição	Observações
1168	Ignorada	Mosaico geometrico a cinco côres.	Existem alguns exemplares que foram encontrados nas ruinas da igreja de S. Bartholomeu em Lisboa.
1200	Portugueza	Mosaico de laçarias a cinco côres.	Idem, idem.
1222	Ignorada	Mosaico meio relevo a cinco côres.	Idem, idem nas ruinas da igreja de Santa Marinha de Lisboa.
1271	»	Mosaico com laçarias a cinco côres.	Idem, idem na antiga capella de Santa Victoria, na igreja de S. Lourenço de Lisboa.
1300	} Diversas	Varios de meio relevo a mosaico a cinco côres.....	
a			
1600	} Portugueza	Varios com laçaria e ornatos....	
1300			
a			
1520	»	Relevos geometricos em verde liso.	Idem, idem nas capellas da cêrca do extincto convento de Santa Cruz de Coimbra.
1380	»	Lisos com rhomboides verdes e brancos.....	Idem, idem nas ruinas dos Paços de S. Christovão.
1457	(Caldas da Rainha)	Meio relevo com laçarias circulares e ligadas.....	Idem, idem no extincto convento de Santo Eloy de Lisboa.
1462	Portugueza		

Datas	Origem	Descrição	Observações
1479	Portugueza		Envasam. ^o da capella-mór da egreja de S. ^o André de Lisboa.
1480	»	Meio relevo, cardos e flor de liz a cinco côres.....	Idem, idem no antigo convento de S. ^{ta} Clara de Coimbra.
1480	»	Meio relevo em losangos e ornatos a cinco côres.....	Idem, nas casas de Alvaro da Cunha em Xabregas; adquiridos pela Rainha D. Leonor para a fundação do extinto conv. ^o da M. ^o de Deus.
1480	»	Meio relevo, desenhos ligados, a cinco côres.....	Idem, idem nas capellas da cerca do extinto conv. ^o da Carnota.
1480	»	Cercaduras. Meio rel. ^o a cinco côres	Idem, idem.
1480	»	Padrão igual ao anteced. ^o , de diverso colorido.....	Idem, idem.
1480	»	Padrão igual aos anteced. ^{as} , diferentes orlas e dimensões.....	Idem, idem.
1488	»	Meio relevo, florões de quatro azulejos.....	Idem, idem nas capellas das quintas de regalo do extinto convento de Christo em Thomar.

Datas	Origem	Descrição	Observações
1496	Portuguesa	Meio relevo de desenhos ligados.	Envasam. ^o nas capellas do extinto convento de S. Domingos de Santarem.
1500	»	Meio relevo, florões de quatro azulejos a cinco côres.....	Idem, nas capellas do extinto convento da Castanheira.
1506	»	Meio relevo com laçarias e vegetaes a cinco côres.....	Idem, nos Paços de Villa Viçosa.
1509	»	Meio relevo, desenhos ligados ...	Idem, no convento das Carmellitas do Porto.
1509	»	Idem, idem	Idem, idem.
1509	»	Meio relevo, florões de quatro azul. ^{os}	Azulejos da primitiva igreja do extinto convento da Madre de Deus de Lisboa.
1509	»	Lisos, enxequetado em palla e facha, a quatro côres.....	Idem, do pavimento do presbyterio da primitiva igreja da Madre de Deus.
1510	»	Meio relevo, formando florões de quatro azulejos.....	Idem, idem das capellas da cêrca do extinto convento de Belem.
1510	» (Caldas da Rainha)	Lisos, enxequetado de verde e branco, banda e contra-banda..	Azulejado do primitivo claustro do extinto convento da Madre de Deus de Lisboa.

Datas	Origem	Descrição	Observações
1510	Portugueza (Caldas da Rainha)	Meio relevo, desenhos ligados . . .	Azulejado da primitiva igreja (fragmentos das capellas).
1510	»	Meio relevo em florões circulares, quatro azulejos	Idem, idem.
1510	»	Similhante ao antecedente, excepto nas dimensões	Idem, idem.
1510	»	Meio relevo, ornatos a cinco côres	Idem, idem.
1512	Portugueza	Meio relevo, em florões ligados a cinco côres	Idem, na igreja matriz d'Arzila.
1512	»	Meio relevo, desenhos ligados . . .	Idem, na igreja de S. Pedro de Alfama.
1513	»	Meio relevo, em florões de quatro azulejos	Idem, no extinto convento de Christo em Thomar.
1518	»	Meio relevo a cinco côres, padrões a dois azulejos	Idem, nas igrejas arruinadas de Coimbra.
1530	»	Meio relevo a cinco côres	Envasamento duma capella do morgado nas ruínas da igreja de S. Bartholomeu de Lisboa.
1540	» (Caldas da Rainha)	Superfície lisa, verde e branco . . .	Idem, nas capellas da cerca do collegio de Santo Antão-o-Velho (Colleginho).

Datas	Origem	Descrição	Observações
1554	Ignorada	Meio relevo, em florões de quatro azulejos	Envasamento no extinto convento de S. Francisco d'Evora.
1560	Portugueza	Meio relevo com desenhos ligados.	Reedificação principiada por D. João III no extinto convento da Madre de Deus.
1560	»	Eguae aos antecedentes de menor dimensão	Idem, idem.
1560	Ignorada	Meio relevo a cinco côres, florões de quatro azulejos	Idem, idem nas ruínas da igreja de N. S. ^a da Ajuda de Lisboa.
1560	Portugueza	Idem, idem	Idem, idem.
1560	»	Idem, idem	Idem, idem.
1560	»	Meio relevo, em florões ligados . .	Reedificação principiada por D. João III no extinto convento da Madre de Deus de Lisboa.
1565	Talavera (Hespanha)	Superfície lisa, colorida, representando meninos caçando	Idem, idem nas casas dos Albuquerque em Azeitão.
1565	»	Idem, representando meninos banhando-se	Idem, idem.
1565	»	Idem, cercaduras coloridas	Idem, idem.
1565	»	Idem, idem	Idem, idem.

Datas	Origem	Descrição	Observações
1565	Talavera (Hespanha)	Superfície lisa, cercaduras coloridas.	Reedificação principiada por D. João III nas casas dos Albuquerque em Azeitão.
1565	»	Lisos, coloridos sobre fundo branco.....	Idem, idem.
1565	Ignorada	Meio relevo em desenhos ligados.	Idem, idem nas capellas do capitulo do extinto convento da Trindade de Lisboa.
1580	Portugueza	Superfície lisa a quatro côres em pontá de diamante, pedrarias. .	Idem, idem do extinto convento de S. ^{ta} Iria em Thomar (paredes interiores) propriedade de José Maria Nepomuceno.
1590	»	Meio relevo, desenhos ligados ...	Idem, idem nas capellas do extinto convento do Varatojo.
1598	»	Superfície lisa com laçaria circular formando florões de quatro azulejos a quatro côres.	Idem, idem nas capellas do claustro do extinto convento de S. Domingos de Lisboa.
1598	»	Quatro padrões diversos a quatro côres, florões de quatro azulejos lisos	Idem, idem.

Datas	Origem	Descrição	Observações
1600	Portuguesa	Meio relevo, cercad. ^a a tres côres.	Reedificação principiada por D. João III no extinto convento dos Martyres de Sacavem.
1600	»	Idem, idem	Idem, idem.
1630	»	Superfície lisa a quatro côres, flores de quatro azulejos.	Idem, idem nas capellas do claustro do extinto convento de S. Domingos de Lisboa.
1639	»	Superfície lisa azul	Idem, idem no extinto convento de Chellas.
1639	Holandeza	Lisos, miniatura a azul de bella execução	Azulejado do refeitorio do extinto convento da Trindade de Lisboa.
1645	»	Lisos, azul sobre fundo branco, representando S. Jeronymo extrahindo o espinho da mão do leão	Idem, idem no extinto convento da Madre de Deus de Lisboa.
1645	»	Lisos, azul, fundo branco, representando a Sacra Familia fugindo ao edito de Herodes	Idem, idem.
1650	Portuguesa	Batalhas de Alexandre.	Quinta do Monteiro-Mór em Sacavem de Cima.
1650	»	Continuação do quadro anteced. ^{to} .	Idem, idem.

Datas	Origem	Descrição	Observações
1650	Portugueza	Continuação do quadro anteced. ¹⁰ .	Quinta do Monteiro-Mór em Sacavem de Cima.
1650	»	Idem, idem.....	Idem, idem.
1650	»	Idem, idem.....	Idem, idem.
1650	»	Alexandre e a familia Dario....	Idem, idem.
1650	»	Um cavalleiro.....	Idem, idem.
1650	»	Desenhos de fantasia.....	Idem, idem.
1650	»	Idem, idem.....	Quinta do Monteiro-Mór.
1660	»	Superficie lisa, florões de quatro azulejos.....	Idem, idem na Igreja de Santa Martha de Lisboa. Com a mesma data existem na mesma igreja azulejos do referido padrão.
1662	»	Superficie lisa a tres côres, conchas e ornatos, quatro azulejos.....	Idem, idem no extincto convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvilla.
1662	»	Superficie lisa a tres côres, florões de quatro azulejos, contas de ponta de diamante.....	Idem, idem.
1662	»	Dois padrões diversos de quatro em florão.....	Idem, idem.

Datas	Origem	Descrição	Observações
1697	Hespanhola (pintados por Gabriel del Barco)	Superfície lisa, azul em fundo branco representando a caçadora de corações.....	Existem alguns exemplares que foram encontrados no palacio dos Condes da Ponte ao Calvario, Lisboa. Assignado G. del Barco 1697.
1704	Portuguesa	Superfície lisa a côres, figuras mixtas	Accrescentamento do antigo edificio do convento da Madre de Deus.
1706	»	Superfície lisa, caixotões de quatro azulejos a quatro côres....	No extincto convento de Santa Monica de Lisboa.
1746	»	Lisos, azul fundo branco, representando a circuncisão do Menino Jesus.....	Na capella do palacio do largo de S. Sebastião da Pedreira em Lisboa.
1746	»	Lisos, azul e branco, representando a Natividade da Virgem...	Idem, idem.
1747	»	Superfície lisa, dois padrões, cercaduras a tres côres.....	No extincto convento de Santo Antonio da Convalescença, propriedade de J.º M.º Nepomuceno.

Datas	Origem	Descrição	Observações
1747	Portugueza	Dois padrões a tres côres, quatro azulejos em florões	No extincto convento de Santo Antonio da Convalescença, propriedade de J. ^o M. ^a Nepomuceno.
1747	»	Lisos, azul e branco, representando a Fé (figura inteira)	No extincto convento da Madre de Deus.
1747	»	Idem, representando a Esperança (figura inteira)	Idem, idem.
1747	»	Idem, representando a Caridade (figura inteira)	Idem, idem.
1750	»	Lisos, azul e branco, representando marinhas	No palacio dos Condes de Avintes e Marquezes do Lavradio. Actualmente nos Tribunaes Militares.
1765	»	Lisos, azul e branco, representando meninos, flôres e fructos	No extincto convento dos Capuchos de Caparica.
1776	»	Ornatos e vegetaes coloridos	Predios reedificados em Lisboa depois de 1755. (Da Fabrica Real do Rato).
1776	»	Correspondente ao quadro anterior	Idem, idem.

Datas	Origem	Descrição	Observações
1785	Portuguesa	Pintura colorida, de fantasia, aves, golfinhos e vegetaes.....	No palacio do Marquez de Niza em Xabregas. Hoje Asylo D. Maria Pia.
1785	»	Idem, correspondente ao quadro anterior	Idem, idem.

NOTA — Os elementos para a elaboração deste mappa foram colhidos em trabalhos dos distinctos archeologos *José Valentim, José Maria Nepomuceno e Gabriel Pereira.*

(*Continúa.*)

Collegio da Companhia de Jesus em Setubal.

O *Independente* de Setubal de 30 de maio ultimo, transcreve do seu collega *Elmano*, tambem de Setubal, a seguinte noticia:

«Na demolição duma parede da antiga capella, que a Companhia de Jesus possuia ao fundo da rua do Corpo Santo, nesta cidade, demolição, que o sr. José Eduardo Ahrens mandou fazer para a edificação de um predio, foi encontrada uma lapide com a seguinte inscripção:

S. DE ANDRE VELHO
FREIRE COMENDADOR DE
CHRÍSTO E DE DONA
FELÍPA DE PAREDES
LASSO
SUA MULER
FUNDADORES DESTE
COLLEGIO.
1663.

A «*Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal*» diz, que «no anno de 1655 se fundou no sitio de Palhaes, que depois tomou o titulo de praça de S. Bernardo, a casa para collegio da referida Companhia».

Do confronto destas duas datas se pôde talvez concluir, que a obra do collegio e capella respectiva levou sete annos a construir, concluindo-se em 1663.

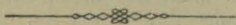
Debaixo da lapide referida se encontram vestigios duma escada, que se presume conduzir a um carneiro, cuja exploração ainda não foi possível effectuar por motivo dos materiaes alli existentes.

Tambem no mesmo local a metro e meio de profundidade se encontraram duas pedras de rosso, tendo uma dellas lavrada em ambas as faces duas cruces de Malta, ou de Christo, uma de cada lado, e a

outra dum lado a cruz de Malta, ou de Christo, e do outro a cruz romana.

Estas pedras, que estavam collocadas verticalmente e decerto á cabeceira de dois cadaveres alli sepultados, seriam distinctivos dos cavalleiros de Malta?

Á Camara Municipal lembramos a conveniencia de obter, que o sr. José Eduardo Ahrens ceda para o museu da mesma estes interessantes monumentos».



A INFANTA D. MARIA

e o seu Hospital da Luz

(Continuado do n.º antecedente)

III—Ainda o retrato da Infanta

Com respeito ao quadro e retrato da Infanta D. Maria na égreja da Luz tenho felizmente de ajuntar aqui um additamento. Restabelecido por completo o meu excellento amigo Jayme de Sousa, tranquilizado o seu espirito de outros dissabores, feita porfim a revelação das chapas impressionadas naquella tarde, de desastrosa memoria, reconheceu-se com alegria que os *clichés* davam idéa muito clara do quadro e da capella-mór da Luz. Por isso gostosamente os reproduzo em photogravuras de Thomaz Bordallo Pinheiro, cuja pericia artistica não desmente das tradições da familia.

Na est. VII véem-se as bellas linhas da capella-mór, com seus retabulos e baldaquino, tendo ao centro, em frente dos degraus do altar, a pedra, em fórma de ataude, que cobre o jazigo da Infanta. A photographia dá-nos a perspectiva majestosa e elegante da capella, com seus quadros, suas estatuas e bellissimo frontal de marmore, finamente esculpido com motivos do mais gracioso estylo renascença, e assumptos de mythologia pagã.

A est. VIII dá-nos o celebre quadro, ácerca do qual tão debatidas e controversas opiniões se teem apresentado. Não entrarei na discussão dessas hypotheses e induções. Não deixarei de referir, comtudo, a supposição aventada pela sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, da possibilidade de serem este e os outros retratos da Infanta, copias da famosa pintura de um dos

grandes artistas Antonio ou Francisco de Hollanda, segundo vagamente n'ol-o denunciaram os epigrammas latinos do poeta Manoel da Costa, impressos em Coimbra em 1552 por João Barreira, e reproduzidos na *Vida da Infanta de Miguel Pacheco*, nas *Regras de Pintura* de Taborda, na monographia da- quella illustre escriptora e em outros auctores.

O certo é que, da formosura e donaire da princeza, que tantos pintores insignes retrataram pelo pincel, nos restam ainda hoje, como acaba de m'o lembrar o meu douto amigo sr. dr. Sousa Viterbo, além das copias conhecidas, um não menos valioso retrato litterario, devido á penna elegante do coevo Jorge Ferreira de Vasconcellos no seu *Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda*, sahido em primeira edição em 1567, e reimpresso por Manuel Bernardes Branco em 1867.

Descrevendo num dos ultimos capitulos o torneio dado em Xabregas, dizendo que el-rei se assentára ao cabo de uma varanda sobre o mar, o compára a Jupiter, em seu throno, tendo junto de si a Juno—«e para mais semelhança, accrescenta,—tinha a seu lado a Infanta D. Maria que se mostrava a formosa Minerva, com que pode contender com divida confiança, assi em rara gentileza e sutil engenho, como toda outra sobrehumana perfeição».

E adiante a descreve nestes termos:—«A Infanta vestida de saya de cetim encarnado, picada e cortada com bordadura de recamado douro, e prata, de huma mão de travessa em largo, e huma dianteira de tranças de ouro de canotilho de muytas perolas forrada de cetim encarnado, hũas manguinhas da mesma maneyra, hũa cinta douro, hũa gorgueyra cuberta de perolas, hum tocado e nistros do mesmo teor, na cabeça huma tiara de pedraria e hũ só firmal em huma guedelha, e hum fio de perolas ao pescoço; e assi se mostrava tal, que pera ho eu dese- nhar voume com ho pintor que cubrio o rosto a Agamenão no sacrificio de Eufigenia, porque cousas em que natureza abalisa seu extremo, não lhé chega emgenho humano pera entendelas; quanto mais pera saber pintalas (1).»

(Conclúe).

VICTOR RIBEIRO.

(1) Pag. 334, obra cit.

ESTAMPA VII



Vista da Capella-mór da igreja Conventual da Luz, e sepultura da Infanta D. Maria.

*Cliché do sr. Jayme de Sousa
Tirado em 24 de novembro de 1906.*

ESTAMPA VIII



Quadro pintado em taboas, na capella dita da Infanta, no cruzeiro da Igreja da Luz.

*Cliché do sr. Jayme de Sousa
Tirado em 24 de novembro de 1906.*

SOCIÉTÉ FRANÇAISE D'ARCHÉOLOGIE

Pour la conservation des Monuments Historiques

Fondée à Caen par M. de Caumont, en 1834

PROGRAMME SCIENTIFIQUE

du Congrès archéologique tenu à Avallon et à Auxerre, du 11 au 19 juin 1907

1. Présenter un travail d'ensemble, par ordre de matières, sur les principaux travaux archéologiques publiés par les Sociétés savantes et les particuliers, dans l'Yonne, au XIX^e siècle.

2. Indiquer le résultat des fouilles exécutées dans les stations préhistoriques et les *tumuli* de l'Auxois, les découvertes d'objets de l'âge du bronze dans la région.—Dresser la carte des monuments mégalithiques.

3. Quel est le tracé de la grande voie d'Agrippa entre Auxerre et Autun?—Étudier le camp de Cora. A quelle époque faut-il l'attribuer?

4. Étudier les monuments figurés du musée lapidaire de Sens.

5. Présenter une étude d'ensemble sur le mobilier funéraire des cimetières francs explorés dans l'Yonne.

6. Étudier la sculpture pré-romane en Bourgogne.

7. Indiquer les limites de l'école romane bourguignonne.—Définir ses caractères et montrer les différences entre les églises du XII^e siècle de la région d'Auxerre et celles du Mâconnais.—Tracer sur une carte de France la limite des bandes lombardes.

8. Iconographie du grand portail et des chapiteaux de l'église abbatiale de Vézelay.

9. Quels sont les divers types de plan des églises cisterciennes?—Étudier les voûtes d'ogives et les formerets du XII^e siècle dans la Bourgogne.

10. Déterminer les caractères essentiels de l'école gothique de la Bourgogne au XIII^e siècle.—Dégager les influences champenoises dans l'Yonne à la même époque.

11. Dépouiller les comptes de la cathédrale de Sens au XIV^e, au XV^e et au XVI^e siècle.

12. Quels sont les caractères de l'architecture militaire en Bourgogne? Présenter une monographie et le plan du château de Druyes.

13. Étudier les manoirs, les anciennes maisons des villes et des villages, les granges et les puits en Bourgogne.

14. Faire ressortir les particularités des églises ou des châteaux de la Renaissance dans l'Yonne.

15. Rechercher dans les archives et les minutes notariales des marchés et de nouveaux noms d'artistes bourguignons du XVI^e et du XVII^e siècle.

16. Étudier les inscriptions et les sculptures des musées lapidaires, les pierres tombales, les carreaux vernissés, les peintures murales et les verrières.—Présenter une collection photographique des statues et du mobilier artistique des églises.

17. Faire connaître les noms des fondeurs de cloches de la région.

18. Étudier le monnayage sous les rois burgonds.—Étudier le monnayage au nom et au type royal français, dans les ateliers du duché de Bourgogne, sous Philippe le Bon et Charles le Téméraire.

19. Étudier les anciennes industries locales et les procédés de fabrication.



Le Troisième Congrès préhistorique de France s'ouvrira à Autun, le lundi 12 août 1907, sous la présidence de M. le D.^r Adrien Guébard, professeur agrégé à la Faculté de médecine de Paris, vice-président de la *Société préhistorique de France*, et se clôturera le dimanche 18 août au soir.

